

Nas cordas, está fazendo qualquer negócio

Bolsonaro disse que Guedes manda, mas plano de Braga segue

HORA DO POVO
ANO XXX - Nº 3.754 29 de Abril a 5 de Maio de 2020



Reprodução redes sociais



Jair Bolsonaro colocou na PF delegado íntimo de sua família

O escolhido por Bolsonaro para comandar a Polícia Federal, Alexandre Ramagem, aparece na foto acima, de camisa xadrez, com Léo Índio, Carlos Bolsonaro - que é investigado pela PF -, esposas e amigos, em festa de 2018. **Página 3**



Caminhos são opostos. Zumbi da economia levou uma enrolada

A necessidade que Jair Bolsonaro teve de afirmar, peremptoriamente, na segunda-feira (27), em entrevista coletiva no Planalto, que “o homem que decide a economia no Brasil é um só: chama-se Paulo Guedes”, mostra apenas que o espaço de Guedes está cada vez menor. Segundo o economista Nilson Araújo de Souza, o programa apresentado pelo general Braga Netto, chefe da Casa Civil do governo, apelidado de Pró-Brasil, “sinaliza uma tentativa de mudança de rumos”. **Págs. 2 e 3**

Restou se encostar em Roberto Jefferson, conhecido pé frio, e acionar o ‘é dando que se recebe’

Jefferson tem o dom de tocar em alguma coisa e logo a coisa apodrecer. Tropa de choque de Collor, foi réu confesso condenado a mais de 10 anos pelo STF. No governo Temer, desistiu de emplacar sua filha em ministério após escândalo. **Pág. 3**

Fracassam atos pelo Covid e contra Moro
Poucos e raivosos, bolsonaristas rasgaram e queimaram camisa com Moro, falaram contra Maia e a quarentena. **Página 3**

STF inicia investigação de atos de Bolsonaro denunciados por Moro



“Inquérito do STF certamente chegará a um resultado”, diz Rodrigo Maia

“A investigação conduzida pelo ministro Celso de Mello com certeza trará os resultados que a sociedade espera”, afirmou o presidente da Câmara dos Deputados, deputado Rodrigo Maia (Dem-RJ), em entrevista coletiva na tarde da segunda-feira (27). **P. 3**

1 REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Manaus empilha corpos e faz 140 enterros em 24h

À espera de sepultamentos, enquanto o normal seriam 20. A crise de saúde que vive o estado é agravada pela falta de apoio federal, que não instalou nenhum leito hospitalar no estado. No Hospital 28 de Agosto, o maior do estado, profissionais de saúde protestaram na segunda-feira (27) exigindo o fornecimento de equipamentos de proteção adequados e o pagamento dos salários atrasados. **P. 4**

O ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal (STF), autorizou, na noite da segunda-feira (27), a abertura do inquérito para investigar as denúncias do ex-ministro Sérgio Moro contra Bolsonaro. Celso de Mello, o decano do STF, foi escolhido por sorteio para relatar o pedido para abertura de inquérito do procurador-geral da República, Augusto Aras. Ao anunciar sua demissão, Sérgio Moro denunciou que o interesse de Bolsonaro em trocar o então diretor-geral da PF, Maurício Valeixo, era para influenciar nas investigações da PF. **Pág. 3**

Mensagens a Moro provam que objetivo de Bolsonaro era interferir em inquéritos da PF

Bolsonaro envia no dia 23 de abril ao ministro, através de WhatsApp, uma matéria publicada no site “O Antagonista” que diz: “PF na cola de 10 a 12 deputados bolsonaristas”. Abaixo da postagem da matéria, Bolsonaro afirma: “mais um motivo para a troca [do diretor-geral da Polícia Federal]”. Não restou dúvidas de que o objetivo em tirar Maurício Valeixo era interferir e obter informações de inquéritos. **Pág. 3**



Em carta a Bolsonaro, delegados da PF rejeitam interferência e apontam “crise de confiança”

A Associação Nacional dos Delegados da Polícia Federal (ADPC) publicou uma carta aberta destinada a Jair Bolsonaro pedindo “distância republicana” e afirmando que não deve entregar relatórios diários das investigações e de inteligência, como exigiu Bolsonaro em discurso. A PF “deve exercer a sua missão constitucional independentemente das convicções e decisões políticas de qualquer governo”. **Pág. 3**

Em crise, Boeing cancela a compra da Embraer

“Plano Pró-Brasil aponta caminho diferente do desastre de Guedes”



Braga Netto, ministro da Casa Civil
General Braga Netto
anuncia programa para retomada da economia

O ministro da Casa Civil, general Walter Braga Netto, anunciou na quarta-feira (22), em coletiva à imprensa no Palácio do Planalto, o programa Pró-Brasil, que prevê investimentos em obras públicas “para a recuperação de toda estrutura afetada pelo coronavírus”.

“O programa visa aprimorar ações estratégicas para a retomada do crescimento em resposta aos impactos que o Brasil sofreu por conta da pandemia”, afirmou Braga Netto.

A expectativa, segundo o ministro, é de que a implantação do programa, “em larga escala”, ocorra a partir de outubro. O programa será estruturado entre maio e julho e o detalhamento será finalizado entre agosto e setembro.

“O Pró-Brasil não é programa de governo, mas de Estado”, afirmou o ministro da Casa Civil. Segundo ele, a iniciativa produzirá efeito num “universo temporal de dez anos”.

Segundo o jornalista econômico, José Paulo Kupfer, colunista do UOL, “mesmo antes de ganhar forma mais concreta, o Pró-Brasil é um tiro de canhão em Paulo Guedes”. “Não há como negar o caráter desenvolvimentista do plano comandado pelo general Braga Netto e sua inspiração “keynesiana”, segundo a qual, simplificada, em períodos de depressão econômica, a saída para economia é partir para obras públicas, financiadas por dinheiro público”, acrescentou Kupfer.

Braga Netto negou que o governo esteja discutindo um “Plano Marshall”. Segundo ele, o que existe é um “Plano Brasil”. E acrescentou: “não é um programa de recuperação econômica, mas um programa socioeconômico para a recuperação de toda estrutura afetada pelo coronavírus”.

Segundo o general, as propostas ainda estão sendo estruturadas pelo governo e não apresentou estimativas de volume total de investimentos nem o número de empregos que serão gerados.

“A finalidade é gerar empregos, recuperar infraestrutura e dar possibilidade do Brasil recuperar toda essa perda que nós tivemos. Só um ministério, dependendo da retomada, vai gerar milhões de empregos, seria leviano da minha parte antecipar algo que vai ter ainda a primeira reunião”, declarou.

O programa será coordenado pela Casa Civil e reúne ações de todos os ministérios. Foram definidos dois eixos de ação: Ordem e Progresso. No eixo Ordem serão contempladas medidas como o aprimoramento do arcabouço normativo, atração de investimentos privados, segurança jurídica, melhoria do ambiente de negócios e mitigação dos impactos socioeconômicos. No eixo Progresso, estão previstos investimentos com obras públicas, custeadas pelo governo federal, e de parcerias com o setor privado.

O ministro da Economia, Paulo Guedes não esteve presente à coletiva onde o general Braga Netto apresentou o programa, assim como nenhum membro da equipe econômica.

Leia a matéria completa no site do HP: <https://horadopovo.com.br/sem-guedes-general-braga-netto-lanca-plano-para-retomada-da-economia/>

Foto: HP



Nilson Araújo: “Plano do general Braga Netto sinaliza mudança de rumos”

Foto: Divulgação



E175, jato da Embraer que bateu, no mercado mundial, o Boeing 737 700MAX e o Airbus A319NEO

Afundada em crise, norte-americana Boeing cancela compra da Embraer

A Boeing tinha até a meia noite do dia 24 de abril deste ano para concluir o contrato de aquisição da Embraer. O prazo não foi cumprido, primeiro e principalmente pelas dificuldades financeiras da Boeing e, segundo, pelas pendências no parecer da Comissão Europeia, que havia adiado por duas vezes o parecer sobre a transação.

Além disso havia as ações judiciais em andamento, entre elas uma do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, uma outra liderada pelo ex-governador Ciro Gomes (PDT) e ainda mais uma movida pela Associação de Acionistas Minoritários, a ABRADIN.

Em nota, divulgada na manhã deste sábado (25), a Boeing confirmou a rescisão do contrato, mas, para fugir da multa de US\$ 100 milhões, que teria que pagar, ela culpou a Embraer pelo fim do negócio. A decisão da Boeing, que já vinha em dificuldades, sinaliza para retração violenta dos negócios da empresa americana.

A decisão de romper o contrato por parte da Boeing representa uma ducha de água fria em todos os integrantes do governo Bolsonaro e da direção da Embraer, que atropelaram a legislação brasileira, os acionistas, os trabalhadores e os interesses nacionais para fechar a venda da empresa nacional à americana em péssimas condições.

A Embraer, uma das empresas de aviação mais modernas e avançadas do mundo, seria vendida para a pré-falimentar multinacional americana por um valor irrisório de US\$ 4,2 bilhões, dos quais menos da metade ficaria com os vendedores. A transação significaria o fim da indústria aeronáutica brasileira.

A desistência da compra da Embraer e a crise da Boeing deixam desanimados todos os entreguistas e apostadores no capital estrangeiro como instrumento de financiamento da necessária retomada na economia brasileira.

Para os brasileiros, a decisão aponta no sentido oposto. O sentido de preservar e recuperar sua indústria de ponta. A Embraer é uma empresa de sucesso e vinha se firmando no mundo, ganhando mercado das grandes

concorrentes, inclusive da própria Boeing. Sua venda significaria um grande prejuízo econômico e tecnológico para o Brasil.

Pelo contrato, agora cancelado, a companhia norte-americana deteria 80% da divisão de aeronaves comerciais da fabricante brasileira, que ficaria com os 20% restantes.

A Comissão Europeia, apesar de ser condescendente, questionava o caráter monopolista da transação já que, confirmando o histórico de negócios e “fusões” da Boeing, o resultado do “acordo” com a empresa brasileira significaria a manutenção da Boeing e o fim da Embraer, trazendo como resultado o aumento da monopolização do setor.

Na nota, a Boeing anuncia que rescindiu o Contrato de Transações Mestre (Master Transaction Agreement-MTA) com a Embraer “pois qual as empresas buscavam estabelecer um novo patamar de parceria estratégica. As partes planejavam criar uma joint venture composta pelo negócio de aviação comercial da Embraer e uma segunda joint venture para desenvolver novos mercados para a aeronave de transporte aéreo médio e mobilidade C-390 Millennium”.

Não há dúvida nos meios aeronáuticos que as dificuldades financeiras da Boeing, que já vinham se agravando com os problemas e insuficiências de sua engenharia, e a crise do coronavírus e retração dos negócios foram os verdadeiros motivos que levaram à suspensão do negócio e não o descumprimento das condições por parte da Embraer, como diz a nota.

“Segundo o acordo”, prossegue a nota, “o dia 24 de abril de 2020 era a data limite inicial para rescisão, passível de extensão por qualquer uma das partes caso algumas condições fossem cumpridas. A Boeing exerceu seu direito de rescindir após a Embraer não ter atendido as condições necessárias”.

“A Boeing trabalhou diligentemente nos últimos dois anos para concluir a transação com a Embraer. Há vários meses temos mantido negociações produtivas a respeito de condições do contrato que não foram atendidas, mas em última

instância, essas negociações não foram bem-sucedidas. O objetivo de todos nós era resolver as pendências até a data de rescisão inicial, o que não aconteceu”, disse Marc Allen, presidente da Boeing para a parceria com a Embraer e operações do Grupo.

“E uma decepção profunda. Entretanto, chegamos a um ponto em que continuar negociando dentro do escopo do acordo não irá solucionar as questões pendentes”, disse o executivo.

Conforme a companhia americana, será mantida a parceria comercial na comercialização da aeronave comercial KC-390. “A Boeing e a Embraer irão manter o contrato vigente relativo à comercialização e manutenção conjunta da aeronave militar C-390 Millennium assinado em 2012 e ampliado em 2016”, diz a nota.

No entanto, isso não significa a criação da joint venture que estava prevista no contrato agora desfeito. A parceria já existe no caso do KC-390 desde 2012 e poderia ser prorrogada. A criação da joint venture do KC-390 estava condicionada ao acordo maior entre as duas empresas.

EMBRAER CONTESTA NOTA DA BOEING

A Embraer, que até agora não havia se pronunciado sobre a decisão da Boeing, soltou uma nota contestando a Boeing.

“A empresa acredita que a Boeing adotou um padrão sistemático de atraso e violações repetidas ao acordo devido à falta de vontade em concluir a transação, à sua condição financeira, aos problemas com o 737 MAX e outros problemas comerciais e de reputação”, diz a Embraer no comunicado.

“A Embraer acredita que está em total conformidade com suas obrigações previstas no acordo e que cumpriu todas as condições necessárias previstas até 24 de abril de 2020. A empresa buscará todas as medidas cabíveis contra a Boeing pelos danos sofridos como resultado do cancelamento indevido e da violação do acordo”.

Leia a matéria completa no site do HP: <https://horadopovo.com.br/em-crise-boeing-anuncia-cancelamento-da-compra-da-embraer/>

“Mesmo sendo por enquanto um esboço, a proposta do general Braga Netto tem a intenção de retomar o desenvolvimento com base na ação do Estado na economia, diz o economista Nilson Araújo de Souza

O economista Nilson Araújo de Souza avaliou, em entrevista ao HP, que o programa apresentado pelo general Braga Netto, chefe da Casa Civil do governo, apelidado de Pró-Brasil, “sinaliza uma tentativa de mudança de rumos”.

O próprio fato de haver, segundo o economista, uma crítica orquestrada ao plano por parte de porta-vozes do mercado financeiro e de setores mais retrógrados do governo “indica claramente que a equipe de Guedes, e ele próprio, sentiram o golpe e estão reagindo à mudança de rumos”.

“Independente do nível em que vier a ser implementado, o lançamento do programa pró-Brasil já cumpriu seu papel. Mostrou que existe um caminho diferente do que a equipe de Guedes vem empurrando goela abaixo do país”, destacou o economista.

HORA DO POVO - O ministro da Casa Civil, general Walter Braga Netto, anunciou na quarta-feira (22) o programa Pró-Brasil, que prevê investimentos em obras públicas “para a recuperação de toda estrutura afetada pelo coronavírus”.

Qual a sua avaliação dessa iniciativa?

NILSON ARAÚJO DE SOUZA - Independente do nível em que vier a ser implementado, o lançamento do programa pró-Brasil já cumpriu seu papel. Mostrou que existe um caminho diferente do que a equipe de Guedes vem empurrando goela abaixo do país. O de Guedes, na verdade, é um descaminho. Em oposição ao programa de Guedes, que, no seu ultraneoliberalismo doentio, pretende entregar todo o patrimônio público ao capital estrangeiro e vem arrasando a economia, a proposta do general Braga Netto tem a intenção de retomar o desenvolvimento com base na ação do Estado na economia. A nossa história é rica em lições de que a economia só cresce quando o Estado bancou o jogo. Foi assim com Getúlio e com JK e foi assim com o II PND de Geisel. Mas, por enquanto, o programa ainda é um esboço. Foram apresentados sete slides, em que se desenham as linhas gerais.

Combina a proposta de realização de investimentos públicos com o estabelecimento de regras para destruir o investimento privado, a realização de concessões e adoção de política de crédito. Ainda está muito indefinido e o que existe de definição é insuficiente, além de haver um desbalance entre a promessa de investimento público com a expectativa de concessões para viabilizar o investimento privado. Mas aponta na direção certa. Sintomaticamente, estão apoiando o plano os mesmos militares que, no domingo, 19 de maio, se recusaram a acompanhar Bolsonaro na aventura golpista.

Combina a proposta de realização de investimentos públicos com o estabelecimento de regras para destruir o investimento privado, a realização de concessões e adoção de política de crédito. Ainda está muito indefinido e o que existe de definição é insuficiente, além de haver um desbalance entre a promessa de investimento público com a expectativa de concessões para viabilizar o investimento privado. Mas aponta na direção certa. Sintomaticamente, estão apoiando o plano os mesmos militares que, no domingo, 19 de maio, se recusaram a acompanhar Bolsonaro na aventura golpista.

HP - A ideia do plano é de retomada da economia pós-crise através de investimentos públicos em obras de infraestrutura e de investimentos privados (através de concessões). Você acha que o Estado tem recursos para isso? Em sua opinião, haverá investidores privados interessados em investir nesta retomada?

NILSON - Temos primeiro que ver o contexto em que esse plano é apresentado. Entramos no sétimo ano de crise. Recessão profunda de 2014 a 2016, estagnação de 2017 a 2019 e possibilidade de depressão em 2020, ao combinar as tendências recessivas que já vinham de antes com o impacto econômico da pandemia. Tem que começar por aí. O principal é pagar as pessoas para ficarem em casa. E não apenas os trabalhadores informais,

os subempregados e desempregados (em torno de 70 milhões), mas também os com carteira assinada, particularmente os das micro, pequenas e médias empresas (cerca de 25 milhões). Essas empresas também têm que receber apoio financeiro para não sucumbirem. Esse é o caminho para salvar vidas e simultaneamente preparar a economia para voltar a funcionar tão logo passe o efeito da pandemia. O ministro Guedes ameaçou que não havia dinheiro para isso, que dinheiro não cai do céu.

Mas, logo se descobriu que havia 1,3 trilhão de reais no caixa único do Tesouro. E também, durante o período de recessão, o governo pode emitir moeda sem causar inflação. Isso porque, com capacidade ociosa das empresas, o aumento da demanda provocado pela emissão monetária pode ensejar o aumento da produção e, por conseguinte, da oferta, em lugar de pressionar os preços para cima. Isso é keynesianismo puro: pagar as pessoas para cavar e tapar buraco. Mas, para a recuperação da economia e a retomada do desenvolvimento, não basta isso. Precisa de mais investimento e, para isso, mais Estado na economia. Depois da grande crise do capitalismo mundial de 1914 a 1945 (duas guerras mundiais e uma grande depressão), foi uma forte ação do Estado na economia que possibilitou não apenas recuperar a economia mundial, mas também promover um desenvolvimento prolongado. Acho que, nas atuais circunstâncias, de crise braba, não se deve esperar muito do investimento privado por meio de concessões. As empresas nacionais, ao contrário, estão precisando de forte apoio do governo para sobreviverem. É o capital estrangeiro? Esse vem se evadindo do país desde o ano passado. O dinheiro tem que vir do governo.

Sempre tem essa cantilena de que o governo não tem dinheiro. Como assim, se ele tem poder de emissão monetária? Como assim, se ele tem o poder de transferir renda de uma área para outra por meio da tributação? Por exemplo, taxando remessas de lucros e dividendos, taxando distribuição de dividendos, taxando grandes fortunas... O economista José Luis Oreiro propõe que o Banco Central adquira títulos primários emitidos pelo Tesouro. É como se fosse uma dívida do marido com a mulher. Fica tudo em família. Obviamente, para o Governo realizar esses investimentos, precisa manter a suspensão da lei do teto de gastos e a regra de ouro, que foram suspensas durante a calamidade da pandemia.

HP - Concomitante à apresentação do plano por Braga Netto, houve a decisão do governo de suspender e adiar algumas privatizações que estavam programadas, como Eletrobrás e Correios. Como você avalia essa decisão?

NILSON - Programa com ação do Estado na economia e suspensão de privatizações parece uma sinalização de que, dentro do governo, particularmente entre os militares que participam do governo, está se buscando um outro caminho, o oposto do perseguido pela equipe econômica de Guedes. E a turma do Guedes acusou o golpe. Apelidou o “Plano pró-Brasil” de “Dilma 3”, disse que, se não há dinheiro no governo, não há como fazer um programa baseado no investimento público. E por aí foi...

Veja a entrevista na íntegra no site do HP: <https://horadopovo.com.br/plano-do-general-braga-netto-sinaliza-mudanca-de-rumos-avalia-economista/>...

SÉRGIO CRUZ

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO

é uma publicação do

Instituto Nacional de

Comunicação 24 de agosto

Rua José Getúlio, 67, Cj. 21

Liberdade - CEP: 01509-001

São Paulo-SP

E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto

Redação: fone (11) 2307-4112

E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br

E-mail: comercial@horadopovo.com.br

E-mail: hp.comercial@uol.com.br

Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:

Rio de Janeiro (RJ): IBSCS - Rua Marechal Marques Porto 18,

3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679

E-mail: hpri@oi.com.br

Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP

70301-000

Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506

Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480

E-mail: horadopovomg@uol.com.br

Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 -

E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de

Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004

Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603

E-mail: horadopovope@yahoo.com.br

Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa,

140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande,

Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis

e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Weyne morreu de Covid-19 no sábado

Atos pró-Mito fracassam e bolsonarista anti-quarentena morre pelo novo coronavírus

Uns poucos seguidores, bem raivosos, de Jair Bolsonaro tentaram fazer atos públicos neste domingo (26) em alguns pontos do país contra as denúncias de Sérgio Moro, contra João Dória, contra os comunistas e a favor do coronavírus, mas fracassaram.

Espumando de ódio contra o ex-ministro Sérgio Moro, eles não conseguiram empolgar nem os próprios bolsonaristas. Na Avenida Paulista fizeram muito barulho mas só conseguiram atrapalhar o trânsito com alguns caminhões que eles arranjaram. Os caminhões traziam cartazes padronizados com os dizeres Fora Dória! e Sérgio Moro traidor!

“A gente tem que derrubar o João Dória”, gritava o deputado estadual Douglas Garcia (PSL-SP) ao microfone, de acordo com o jornal Folha de S.Paulo. “Ele colocou uma torçãozeira em cada um de nós. Tirou o nosso direito de trabalhar. Dória está soltando os bandidos e deixando o povo preso em casa”, disse.

Em Brasília foi a mesma coisa. Os atos eram os “inimigos” de sempre, STF e Congresso Nacional, acrescido agora do novo alvo, o ex-ministro Sérgio Moro. **Manifestante pró-Bolsonaro morreu da Covid-19**

O publicitário Weyne Vasconcelos, um bolsonarista frequentador de todos esses atos, que esteve no ato em que Bolsonaro desrespeitou todas as orientações das autoridades sanitárias e fez aglomeração em frente ao Palácio, no dia 15 de março, não apareceu.

Ele que dizia ser “contra os vírus que infestam o Congresso e o STF”, foi infectado pelo novo coronavírus, infecção que para ele não representava perigo, e morreu neste sábado.

No Brasil, já são mais de 4 mil mortes até este final de semana.

Bolsonaro enrola Guedes; Plano ‘Pró-Brasil’ continua



O ex-ministro Sérgio Moro revelou mensagem comprometedor de Bolsonaro Ex-ministro Moro apresenta provas que desmascaram insinuações de Bolsonaro

Jair Bolsonaro afirmou, em pronunciamento feito no Palácio do Planalto na tarde da sexta-feira (24), que não fez pressão pela troca do comando da Polícia Federal. Ele disse que Sérgio Moro estava mentindo.

Ele acrescentou ainda que Sérgio Moro mentiu sobre a saída de Valério Leão, segundo Bolsonaro, Moro havia aceitado a demissão do delegado com a condição que o afastamento fosse feito depois de uma sua indicação para uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF).

O ex-ministro desmentiu com provas as duas declarações do presidente. Ele exibiu à TV Globo uma troca de mensagens entre ele e o presidente Jair Bolsonaro, ocorrida na quinta-feira (23), na qual Bolsonaro cobrou mudança no comando da Polícia Federal.

O contato é identificado por “presidente novíssimo”, indicando ser o número mais recente de Bolsonaro.

A imagem mostra que o presidente enviou a Moro o link de uma reportagem do site “O Antagonista” segundo a qual a PF está “na cola” de dez a 12 deputados

bolsonaristas.

O presidente, então, escreveu: **“Mais um motivo para a troca”**, se referindo à mudança na direção da Polícia Federal.

Sérgio Moro respondeu ao presidente explicando que a investigação não tinha sido pedida pelo então diretor da PF, Maurício Valeixo. Moro enviou a mensagem: **“Esse inquérito é conduzido pelo ministro Alexandre, no STF”**, se referindo ao ministro Alexandre de Moraes.

Moro prosseguiu: “Diligências por ele determinadas, quebras por ele determinadas, buscas por ele determinadas”. E finalizou: “Conversamos em seguida, às 0900”, referindo-se ao encontro que os dois teriam.

Troca de mensagens entre Bolsonaro e Moro no dia 23 de abril

Sérgio Moro também apresentou provas de que ele não havia condicionado a troca no comando da Polícia Federal à sua indicação para o Supremo Tribunal Federal, uma acusação feita pelo presidente Bolsonaro no pronunciamento.

O ex-ministro mostrou ao JN, da Rede Globo, a imagem de uma troca de mensagens com a deputa-

da federal Carla Zambelli (PSL), aliada de primeira hora de Bolsonaro. Ela, inclusive, estava nesta sexta ao lado do presidente durante o pronunciamento.

A deputada Carla Zambelli afirmou que não vai comentar a troca de mensagens.

Na troca de mensagens, Carla Zambelli diz: **“Por favor, ministro, aceite o Ramagem”**, numa referência a Alexandre Ramagem, diretor-geral da Agência Brasileira de Inteligência (Abin). Ramagem é um dos candidatos de Jair Bolsonaro para a Direção-Geral da Polícia Federal.

Parte da deputada a proposta para que Sérgio Moro aceite a mudança na PF em troca da nomeação dele para o Supremo Tribunal Federal.

“E vá em setembro pro STF”, enviou a deputada. “Eu me comprometo a ajudar”, acrescentou. “A fazer JB prometer”, completou.

Sérgio Moro, então, rechaça a proposta: **“Prezada, não estou à venda”**.

Carla Zambelli, então, continua a argumentar: “Ministro, por favor, milhões de brasileiros vão se desfazer”

Meta de Bolsonaro é usar Ramagem para obstruir as investigações da PF

As denúncias feitas por Sérgio Moro contra Jair Bolsonaro e as provas já apresentadas por ele, levaram a Procuradoria Geral da República (PGR) a pedir ao Supremo Tribunal Federal (STF) a abertura de inquérito para investigar as graves revelações de que Bolsonaro fez pressão junto ao ministério pela troca do comando da PF com o intuito de controlar as investigações e proteger seus filhos.

Juristas, personalidades e parlamentares estão cobrando que o STF faça uma apuração rigorosa dessas denúncias já que, com a demissão de Moro, Bolsonaro está consumando sua intenção de interferir na Polícia Federal com o objetivos escusos.

O ministro Celso de Mello foi sorteado para relator deste inquérito e a PGR já sugeriu como primeira diligência uma oitiva com o próprio ex-ministro Sérgio Moro. No Congresso Nacional também já há movimentações no sentido de abrir investigações sobre as atitudes do presidente.

Quando o Supremo Tribunal Federal passou a sofrer ameaças, foi aberto um inquérito conduzido pelo ministro Alexandre de Moraes para investigar a sua

origem. O ministro acionou a Polícia Federal para investigar esses ataques. O cerco da PF começou a se fechar sobre o esquema criminoso comandado por Carlos Bolsonaro.

As movimentações de Bolsonaro para controlar a Polícia Federal se aceleraram depois que o inquérito conduzido pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo, para investigar os esquemas de fake news contra integrantes do STF, apontaram na direção de Carlos Bolsonaro e do “gabinete do ódio”, coordenado por ele.

Integra em www.horadopovo.com.br

Supremo autoriza abertura de inquérito para investigar crimes de Bolsonaro

Abaixo da postagem da matéria, Bolsonaro afirma: “mais um motivo para a troca”.

Sérgio Moro responde: “Esse inquérito é conduzido pelo ministro Alexandre, no STF”, se referindo ao ministro Alexandre de Moraes.

“Diligências por ele determinadas, quebras por ele determinadas, buscas por ele determinadas”, acrescentou Moro. Naquele momento, Bolsonaro estava publicamente defendendo a troca do comando da Polícia Federal.

Em seu pronunciamento, Bolsonaro admitiu que precisa ter “mais informações sobre a Polícia Federal” e que precisa “interagir” com o diretor-geral da PF.

Não foi por acaso que o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que os delegados responsáveis pelas investigações nos inquéritos por ele conduzidos, que investigam os ataques do chamado “gabinete do ódio” aos membros do Supremo, e os atos contra a democracia, não sejam

retirados dos casos.

De acordo com Celso de Mello, os fatos denunciados por Sérgio Moro têm relação com o exercício do cargo, permitindo assim investigação do chefe do Executivo.

“Os crimes supostamente praticados pelo senhor presidente da República, conforme noticiado pelo então Ministro da Justiça e Segurança Pública, parecem guardar (...) íntima conexão com o exercício do mandato presidencial, além de manterem – em função do período em que teriam sido alegadamente praticados – relação de contemporaneidade com o desempenho atual das funções político-jurídicas inerentes à chefia do Poder Executivo”, escreveu o ministro.

Agora começa a produção das provas. O pedido de Aras determinava que Sérgio Moro apresente os documentos que comprovem suas declarações. Nesta etapa, quebra de sigilo telefônico pode ser decretado para comprovar a veracidade das mensagens divulgadas pelo ex-juiz.

Sob o fogo cruzado dos pedidos de apuração dos seus crimes, Bolsonaro declara que o “Posto Ipiranga” manda

A necessidade que Jair Bolsonaro teve de afirmar, peremptoriamente, nesta segunda-feira (27), em entrevista coletiva no Planalto, que “o homem que decide a economia no Brasil é um só: chama-se Paulo Guedes”, mostra apenas uma coisa: que Guedes está com espaço cada vez menor dentro do governo.

Significa que, depois que o general Braga Neto ocupou o espaço vazio deixado pela visão retrógrada e recessiva dos chiqueiros da Economia e lançou o seu programa desenvolvimentista “Pró-Brasil”, Paulo Guedes não está mais com essa bola toda.

A verdade é que ele e sua equipe estão mais perdidos que cego em trote. Não sabem como enfrentar a crise e ameaçam uma debandada geral, caso o plano do general Braga Neto continuasse sendo prestigiado e fortalecido pelo governo.

Aferrados ao passado ultraneoliberal, os membros da equipe de Guedes, e ele próprio, fingem não ver que realidade mudou. A crise exige novas políticas, e eles, acostumados ao rentismo, literalmente não sabem o que fazer.

O ministro deu mostras, inclusive, nos últimos dias que não conseguia nem decidir que sapato deveria calçar para ir a uma solenidade no Palácio do Planalto. Parecia um zumbi de máscara e sem sapatos ouvindo o discurso sem-pé-nem-cabeça de Bolsonaro.

Ironicamente, diante de toda essa situação, o presidente saiu da reunião desta segunda-feira com o ministro ao lado e disse com ares de anúncio: “ele [Guedes] nos dá o norte, nos dá recomendações e o que nós realmente devemos seguir”.

Era o que Guedes e seu grupo de salteadores do patrimônio queriam ouvir como condição para permanecerem um tempo a mais em seus cargos. A única coisa que eles vinham fazendo até o início da pandemia era desmontar o Estado brasileiro, estrangular os serviços públicos, fechar hospitais públicos, leiloar as empresas brasileiras, perseguir servidores e transferir boa parte do dinheiro público para os bancos. Queriam o aval para seguir com esse desastre, mesmo durante a após a pandemia.

Essa política de Guedes&Cia já vem há algum tempo provocando a desindustrialização do país, o desmonte do Estado e a elevação do desemprego. Diante da crise mundial do coronavírus e suas consequências no Brasil, essa política tem tudo para tornar-se uma hecatombe econômica.

Ela simplesmente foi confrontada de frente pelo plano desenvolvimentista do general Braga Neto. O plano do general vai no sentido oposto ao de Guedes. Bolsonaro, nas cordas pela sequência de denúncias contra ele, acabou sendo obrigado a se equilibrar entre as duas opções. Certamente para adiar por algum tempo a saída do desgastado Paulo Guedes.

Com o início da crise do coronavírus, toda essa destruição econômica, comandada por Guedes, ficou evidente para toda a população e cobrou o seu preço. Falta de leitos de UTI, falta de respiradores, falta de insumos para exames, falta de profissionais de saúde, tudo isso

acrescido de uma violenta retração das atividades econômicas. Milhões de pessoas perderam seus empregos e suas rendas.

Qualquer um percebia que era necessária uma mudança rápida de rumos. Era urgente a tomada de medidas para a reversão dessa situação, sob pena de entrarmos na fase mais aguda da pandemia com o sistema de saúde colapsado e a economia em frangalhos.

Guedes, teimoso, mantinha a ideia fixa de seguir se desfazendo de empresas públicas, perseguindo servidores e cortando investimentos públicos. A única despesa aceita por ele é aquela que vai para o pagamento de juros aos bancos.

Foi necessária a ação enérgica do Congresso Nacional para empurrar o governo e tirar a equipe de Guedes da letargia e da insistência em manter a política desastrosa de ajustes fiscais e queima de patrimônio. Um orçamento de guerra foi aprovado.

Quando o mundo inteiro está abrindo os cofres públicos para salvar suas economias, Guedes e sua equipe sentaram no cofres e passaram a acusar a Câmara dos Deputados de aprovar “pautas bomba”. Para eles, essas “pautas bomba” eram as despesas emergenciais para garantir renda, para a contratação de médicos, de enfermeiros e os investimentos para a abertura de leitos de UTI por parte dos administradores de estados e municípios.

A insistência de Guedes em seguir sua cartilha recessiva e entreguista, com os graves riscos que isso representa para o futuro do país, levou o general Walter Braga Neto a tomar uma atitude mais lúcida e apontar um outro rumo para a economia do país com o lançamento, na semana passada, de seu programa de desenvolvimento batizado de “Pró-Brasil”.

O programa, que ainda não está totalmente estruturado, baseia seus objetivos e metas estratégicas de desenvolvimento - para o período pós pandemia - no aumento dos investimentos públicos. O plano incomodou os defensores do arrocho e do estado-mínimo por ser completamente incompatível com o programa econômico de Guedes.

A ausência do ministro e de sua “equipe econômica” na apresentação do Pró-Brasil foi um dos indícios de que a iniciativa andava à revelia de Guedes. O fato desgastou o ministro da Economia que começou a sentir o calor da fritura. Insatisfeito, ele levou a questão à Bolsonaro. Guedes saiu da reunião satisfeito com a declaração de apoio recebida. Aquelas típicas declarações dadas a quem está próximo de cair: “Tem todo o nosso apoio”.

“Queremos reafirmar a todos que acreditam na política econômica que ela segue, é a mesma política econômica”, disse Paulo Guedes na coletiva da manhã de hoje, tranquilizando o chamado “mercado”, ou seja, os monopólios financeiros. O fato é que Guedes precisou desse empurrão do presidente para seguir ministro, enquanto o general Braga Neto segue firme com seu programa Pró-Brasil.

Texto na íntegra em www.horadopovo.com.br

S. C.

“Inquérito do Supremo certamente vai chegar a algum resultado”, diz Maia

O deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ), presidente da Câmara dos Deputados, afirmou em entrevista coletiva na tarde desta segunda-feira (27), que tem mantido um certo silêncio sobre os últimos acontecimentos e que aproveitou esse silêncio para refletir bastante sobre a gravidade da crise provocada pela pandemia do novo coronavírus.

Ele defendeu que o parlamento brasileiro “deve seguir trabalhando para reduzir os danos à vida, ao emprego e à renda das pessoas que estão sofrendo as consequências dramáticas dessa crise”. Segundo Maia, projeções apontam para perdas que podem chegar a 10% da atividade econômica em 2020.

Questionado sobre o grande número de pedidos de impeachment que foram protocolados na Câmara nos últimos dias, Rodrigo Maia disse que ele, como juiz, não vai “comentar esse tipo de assunto”.

Não é hora de “açodamento” afirmou. Sobre as denúncias feitas pelo ex-ministro Sérgio Moro, de que Jair Bolsonaro estaria tentando interferir em investigações da Polícia Federal para proteger os filhos, Maia destacou que “o procurador-geral da República, Augusto Aras, abriu um inquérito e uma investigação que certamente vai chegar a algum resultado”.

O inquérito “chegará a um re-

sultado sobre o que disse o ministro Moro e o que disse o presidente da República”, observou Maia, ressaltando que “tudo isso é muito ruim porque amplia os problemas que nós já estamos vivendo, mas, já aconteceu, já há essa investigação e, certamente, conduzida pelo ministro Celso de Mello, ela trará os resultados que a sociedade espera”.

O deputado disse que “as crises dentro do governo têm pressionado muito a sociedade”. Segundo ele, “a saída de dois ministros que têm um grande apoio na sociedade [Mandetta e Moro] provocam muitas críticas ao governo”.

Ele disse que devemos tratar os conflitos políticos, dos ataques muito fortes das redes sociais que estamos sofrendo, mas sem esquecer da prioridade que é o combate ao coronavírus, que está levando à morte milhares de pessoas e conduzindo o sistema público de saúde ao colapso. “Precisamos agir com rapidez”, alertou.

Maia destacou a importância do auxílio emergencial, lembrando que “foi a atuação do parlamento que chegou a esse resultado”. “Vamos lembrar que a proposta inicial do governo era de R\$ 200 e nós conseguimos alterar para R\$ 600. Isso foi um trabalho construído pelo parlamento brasileiro”, salientou.

Texto na íntegra em www.horadopovo.com.br

Em carta a Bolsonaro, delegados da PF rejeitam interferência e apontam “crise de confiança”

A Associação Nacional dos Delegados da Polícia Federal (ADPC) publicou uma carta aberta destinada a Jair Bolsonaro pedindo “distância republicana” e afirmando que não deve entregar relatórios diários das investigações e de inteligência, como exigiu Bolsonaro em discurso.

De início, o documento chama a atenção que a “Polícia Federal é um órgão de Estado, e integra a rede de controle (accountability), portanto deve exercer a sua missão constitucional independentemente das convicções e decisões políticas de qualquer governo”.

Sérgio Moro, em sua demissão do Ministério da Justiça em função da exoneração de Maurício Valeixo da Diretoria-Geral da PF, afirmou que Jair Bolsonaro estava tentando, conscientemente, interferir politicamente na Polícia Federal.

Em sua resposta, Bolsonaro disse que pedia relatórios diários das atividades da PF e criticou os rumos de investigações da instituição.

Para os delegados, “manda o interesse público que o presidente mantenha uma distância republicana”, para que não haja nenhuma interferência política na PF. Ela “deve exercer a sua missão constitucional independentemente das convicções e decisões políticas de qualquer governo”.

“O ordenamento jurídico prevê que as atividades investigativas da Polícia Federal são sigilosas e somente os profissionais responsáveis em promovê-las é que devem ter acesso aos documentos. O mesmo se aplica aos relatórios de inteligência”, disseram os delegados.

Isso porque suas investigações “esbarram em detentores do mais alto poder político e econômico” e nos atos da própria Presidência da República, explicou.

Os delegados afirmaram que se Bolsonaro tivesse seguido essas premissas, “os fatos que presenciamos nesta semana não teriam ocorrido e não estaríamos vivenciando as circunstâncias atuais”.

Integra e a íntegra da carta em www.horadopovo.com.br

Jair Bolsonaro se alia a corrupto confesso que aceita dizer que Maia é que age para derrubá-lo

Bolsonaro foi buscar o ex-deputado federal Roberto Jefferson, réu confesso por corrupção, para se apoiar no ataque ao presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e outras lideranças políticas.

Jair Bolsonaro fez uma live em suas redes sociais, na noite do domingo 19, assistindo e divulgando uma outra live feita por Roberto Jefferson, de quem se tornou amigo durante seus 28 anos como parlamentar.

No vídeo, Jefferson acusa Rodrigo Maia, entre outras coisas de tramam um “golpe parlamentarista” contra Bolsonaro. “O que eu tenho assistido e o Brasil tem presenciado é que o Rodrigo Maia e o Alcolombre vêm tomando a agenda política das mãos do presidente Bolsonaro, que foi eleito para governar o Brasil. O Rodrigo não obedece mais os interesses do Governo”, afirmou o presidente do PTB.

Integra em www.horadopovo.com.br

Sem ajuda federal, Amazonas pede socorro para enfrentar coronavírus

“Condeno tanto a atitude do presidente da República, quando gera aglomeração”, criticou o prefeito de Manaus ao anunciar o pedido de socorro internacional

Com o número de casos de coronavírus confirmados e suspeitos aumentando a cada dia, a situação do Amazonas se agrava. A espera de sepultamento, os corpos das vítimas de coronavírus se amontoam nas unidades de saúde do Amazonas.

O sistema de saúde do Amazonas está em colapso por conta do novo coronavírus e as pessoas que trabalham no sistema de saúde também estão adoecendo.

A Prefeitura de Manaus informou, por meio da Secretaria Municipal de Limpeza Urbana (Semulsp), que gerencia os cemitérios públicos da cidade, que foram feitos 140 sepultamentos, no domingo (26), além de duas cremações. Do total de 142 óbitos, 41 aconteceram em domicílio, apenas dez tem como causa da morte a confirmação por Covid-19. Outras 47 pessoas morreram por síndrome ou insuficiência respiratória, mais 28 tiveram no atestado o registro de causa indeterminada ou desconhecida, entre outras causas. Desde o domingo anterior (19), Manaus tem realizado mais de 100 enterros ao dia. Enquanto o normal seriam 20.

O prefeito Arthur Virgílio Neto anunciou que reforçará as medidas para manter o isolamento social na capital do Amazonas e declarou que vai pedir ajuda internacional, para o enfrentamento à doença. “Momentos duros exigem que se tomem atitudes antipáticas para que não sejam desastrosas”, avaliou.

Arthur Virgílio anunciou que enviará um pedido de ajuda aos principais líderes dos governos internacionais. “Estamos pedindo socorro ao presidente e estou escrevendo cartas e gravando vídeos para enviar ao

G20, dizendo que a Amazônia faz tanto por eles, segurando a temperatura com sua floresta e seus rios, e está na hora de eles devolverem isso, com médicos voluntários, medicamentos, equipamentos. É um pedido de socorro da Amazônia, com humildade e altivez”, desabafou o prefeito.

Ele tem anunciado o colapso na saúde do Estado e criticado a postura do governo federal diante da pandemia, além de reforçar que o momento é de se manter em casa. “Condeno tanto a atitude do presidente da República, quando gera aglomeração, quanto à das pessoas que não seguem a orientação de manter o isolamento social. Cada um deve pagar sua cota de sacrifício”, rechaçou.

No início da semana, Virgílio se encontrou com o vice-presidente, Hamilton Mourão, junto com o governador do Amazonas, Wilson Lima, e destacou ter sido verdadeiro ao expor as principais demandas para enfrentar a doença, exigindo soluções imediatas. “Chega de conversa, é hora de o governo federal agir. Não podemos mais esperar que avaliem e decidam algo daqui a tantos dias, porque tantas pessoas já terão morrido”, advertiu.

A crise de saúde que vive o estado é agravada pela falta de apoio federal, que não instalou nenhum leito hospitalar no estado. No Hospital 28 de Agosto, o maior do estado, profissionais de saúde protestaram na segunda-feira (27) exigindo o fornecimento de equipamentos de proteção adequados e o pagamento dos salários atrasados. Muitos trabalhadores improvisam sacos de lixo para tentar se proteger do coronavírus e garantir o atendimento à população.



Profissionais do Hospital 28 de Agosto improvisam EPIs com sacos de lixo. Eles protestaram nesta segunda contra a falta de condições de trabalho

Com UTIs lotadas e hospitais federais sem funcionários, situação do Rio se agrava

Entre os dias 1º e 20 de abril, ao menos 145 pessoas morreram com falta de ar sem conseguir o socorro de que precisavam em unidades de emergência no Rio de Janeiro. No sábado (25), mais de 900 pessoas estavam nas emergências da capital fluminense. Estas unidades são a porta de entrada para o sistema de saúde. Trinta e nove Unidades de Pronto Atendimento (UPA) e emergências estavam com mais pacientes do que leitos.

Nesta segunda-feira (27), 285 pacientes aguardavam transferências para UTI, a maioria de Covid-19. Não existem praticamente mais vagas de UTI na rede estadual e municipal para pacientes do novo coronavírus. Apenas a Zilda Arns, em Volta Redonda, tinha vagas.

O taxista José Carlos, de 68 anos, foi levado para o Hospital Municipal Souza Aguiar, no Centro do Rio de Janeiro, antes da Páscoa. Ele estava com crises de hipertensão e diabetes. Não havia leito de internação, e ele ficou na Sala Vermelha.

Depois de 11 dias no local, onde ele ficou sem suporte de oxigênio, José Carlos foi transferido para o Hospital Rocha Maia, em Botafogo, na Zona Sul. Mas a unidade também não tinha leito disponível com

respirador.

“A médica falou para a gente que o meu pai estava passando muito mal, que precisava ser entubado, precisava de uma UTI. E que só no hospital em Volta Redonda que tinha. Aí pediu a autorização da gente para mandar ele para lá. Quando a gente autorizou e a médica entrou para fazer a papelada, quando ela voltou, ela deu a notícia de o meu pai tinha falecido”, contou Jurema Costa Gomes da Silva, filha de José.

O taxista deixou três filhos e quatro netos. Ele trabalhou até ficar doente. A causa da morte é síndrome respiratória aguda grave por suspeita de Covid-19.

Médicos afirmam que as unidades estão lotadas e vagas para pacientes graves não são liberadas.

“Tem pacientes que vieram ao óbito enquanto aguardavam as vagas, incluindo pacientes mais graves, que deveriam ter saído logo de vagas. O paciente não é para ficar um dia. O ideal é que ele ficasse poucas horas esperando. Que ele fosse internado, que a gente estabilizasse ele e, assim que tivesse condições, ele fosse transferido”, contou o médico Gustavo Treisman, médico na UPA de Magalhães Bastos.



Em Manaus, sepultamentos das vítimas é realizado em valas coletivas

Sargento Silvano muda de opinião: “não é só uma gripinha, Bolsonaro mentiu para o povo”

Bolsonarista, vereador de Belém disse: “Covid-19 mata, e está matando muita gente”

O vereador de Belém (PA), Sargento Silvano (PSD), depois de ser infectado e ter vários membros da família internados por conta do coronavírus mudou sua opinião sobre o assunto.

“Isso não é uma gripinha, como disse o Bolsonaro. O presidente mentiu para o povo brasileiro. Bolsonaro perdeu meu respeito”, disse Silvano.

Meus amigos(as), com 30 dias todos verão que o presidente Bolsonaro tinha razão (abertura imediata do comércio). Como parlamentar estou preocupado, e espero que em breve, o governador e os prefeitos apresentem medidas aceitáveis para preservar os empregos. Oro a Deus por isso!

O vereador foi infectado pelo coronavírus, mas já se recuperou. Seu pai e esposa estão internados por conta da doença.

Sargento Silvano vinha defendendo a posição de Jair Bolsonaro, que considera o vírus uma “gripezinha”, um “resfriado”, e era contra a quarentena defendida pela Organização Mun-



“O presidente mentiu para o povo brasileiro”

dial de Saúde (OMS). Em seu Twitter, o vereador chegou a publicar que em “30 dias todos verão que o presidente Bolsonaro tinha razão” e haveria a “abertura imediata do comércio”.

“Nunca mais eu vou apoiar o Bolsonaro! Quase todos os meus familiares estão doentes”, disse.

“São tantos amigos que morreram, que estão nas UTIs ou se tratando de Covid-19, que já perdi o número dos doentes. Senhor, tenha misericórdia do nosso povo, eles não acreditam, eles pensam que isso é política”, relatou o sargento da reserva

da PM-PA.

“Entre defender um lado político e minha família, não terei dúvida em escolher minha casa. A verdade precisa ser dita ao povo brasileiro: o Covid-19 mata, e está matando muita gente. Abre os teus olhos pelo amor de Deus”, continuou.

Para ele, “se você não consegue ver além de sua ideologia política, você está doente psicologicamente. Acima de política existe a vida das pessoas, que é prioridade em uma sociedade. Eu escolho salvar vidas (falar a verdade)”.

Governo de SP vai vetar passageiros de metrô e trens que estiverem sem máscara

Na segunda-feira, o governo de São Paulo afirmou que pretende vetar o acesso a passageiros do metrô, da CPTM (trens urbanos) e da EMTU (ônibus metropolitanos) que estiverem sem máscaras, a fim de evitar a disseminação do novo coronavírus. Antes disso, porém, pretende distribuir por sete dias máscaras gratuitamente a todos os passageiros do sistema.

Segundo o governador João Doria, a discussão sobre a flexibilização da quarentena, após o dia 11 de maio, passa pela adoção de regras como a utilização das máscaras, a regionalização por zonas de impacto do vírus e a manutenção da taxa de isolamento em torno de 50%.

Prefeito da capital paulista amplia capacidade de sepultamentos: “O pior ainda está por vir”

O prefeito de São Paulo, Bruno Covas (PSDB), anunciou que a Prefeitura se programa para abrir 13 mil novas sepulturas em cemitérios para enterro de vítimas da Covid-19 nas próximas semanas.

“O pior ainda está por vir. Vamos fazer tudo o que for possível para que a gente não tenha em São Paulo o que se verifica pelo mundo, de Equador, a Nova York. A questão do enterro dos mortos tem sido um desafio”, disse Covas.

A preocupação com o sepultamento das vítimas foi foco do pronunciamento de Covas. “A nossa preocupação é estamos preparados para organizar e minimizar a dor das famílias para que possam

dar um sepultamento digno aos entes que serão perdidos”, disse o prefeito.

A Prefeitura de São Paulo elaborou um plano de ampliação para o serviço funerário. Segundo Bruno, a capacidade de sepultamentos dos cemitérios está sendo ampliada de 240 para 400 enterros por dia. Para isso, cerca de 220 coveiros foram contratados para reforçar as equipes. No início de abril, a prefeitura teve de afastar 60% de um total de 250 coveiros por terem mais de 60 anos de idade e estarem no grupo de risco.

A frota de carros funerários também foi ampliada de 36 para 56. Agências de serviço funerário estão sendo instaladas em hospitais que

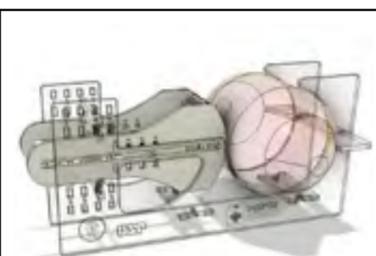
veu em rede social. “Estamos buscando formas e procedimentos de higienização dos Trens no Metrô e CPTM mais eficientes, assim como cobrando a limpeza nos ônibus da EMTU.”

O governo reforçou a limpeza nos vagões, ao fim das viagens, focando nos locais onde os passageiros mais tocam com as mãos, como os balaústres. A principal medida para evitar a contaminação, no entanto, continua sendo evitar a aproximação com outros passageiros e higienizar as mãos sempre que possível.

Até esta segunda (27), pelo menos 21,7 mil pessoas em São Paulo foram infectadas e 1.825 morreram com a Covid-19.

A Prefeitura ainda programa comprar 38 mil urnas funerárias para serem entregues até o fim de maio, além de oito câmeras refrigeradas que poderão armazenar até mil corpos.

O prefeito relembrou a tragédia registrada em Guayaquil para pedir que as pessoas fiquem em casa. Na cidade equatoriana, vítimas da Covid-19 morreram em casa porque a rede hospitalar não consegue atender os doentes. Na internet, circulam imagens que mostram corpos nas calçadas ou sendo carregados por familiares por causa do esgotamento do serviço funerário.



“Inspire” foi criado pela universidade Respirador criado na USP é aprovado em testes com humanos

O respirador de baixo custo foi desenvolvido por uma equipe da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) e aprovado em teste com humanos. O modelo está cada vez mais próximo de ser liberado para uso em hospitais.

O equipamento foi batizado de Inspire e tem custo 15 vezes mais barato que a média de preços no mercado. Outro fator de destaque é que um respirador desse pode ser feito em menos de duas horas.

Os testes foram realizados entre os dias 17 e 19 de abril com quatro pacientes do Instituto do Coração (Incor) do Hospital das Clínicas, em São Paulo.

O respirador foi considerado aprovado no estudo, inclusive no modo assistido controlado por pressão, segundo a Poli-USP. “Não houve nenhuma intercorrência com os pacientes ventilados com o Inspire”, disse em nota.

O Inspire já havia sido testado em animais com excelência. Os documentos referentes aos testes realizados foram encaminhados à Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e outros órgãos para que seja liberado.

“O ventilador provê a pressão e vazão necessária para manobras protetoras do tecido pulmonar”, explica Raúl Gonzalez Lima, professor Titular da Poli-USP e especialista em Engenharia Biomédica que é um dos coordenadores do projeto. Inicialmente, o aparelho foi testado em animais na própria USP.

A empresa que estiver apta a fabricar o ventilador, seguindo os preceitos da Anvisa, deve gastar entre US\$ 100 e US\$ 200 - equivalente a valores entre R\$ 530 e R\$ 1.060 -, fora os custos de logística e distribuição. Os pesquisadores também pensam em licenciar a produção a outros países, mas ressaltam que a USP não tem interesse em ganhos econômicos com o projeto; “Nosso compromisso é com a vida”, salienta Zuffo.

Em uma semana, podem ser produzidos 500 ventiladores. Dadas as expectativas realistas de conseguir importar alguns componentes, “elementos críticos”, seria possível produzir 5.000 equipamentos em um mês, para começar, diz Raul Lima.

Crise em Passo Fundo mostra que “isolamento vertical” não funciona

A situação da epidemia do novo coronavírus na cidade de Passo Fundo, no interior do Rio Grande do Sul, é alarmante e teve seu início a partir do contágio em uma empresa local. A cidade é a segunda do estado em número de infectados, ficando atrás apenas da capital, Porto Alegre.

Em apenas dois dias, de sexta-feira (24) a sábado, dia 25, o número de pessoas infectadas passou de 78 para 106, com 6 mortes. O quadro do município gaúcho é revelador de que o chamado “distanciamento vertical”, defendido pelo presidente da República, não funciona. Trabalhadores infectados levaram para dentro de casa a epidemia.

A situação da região é ainda mais preocupante porque toda a região norte do estado está sendo atingida, já que o foco inicial da epidemia na cidade se deu no interior de um frigorífico da JBS que emprega trabalhadores de várias cidades. Os municípios de Carazinho e Marau são exemplo disso. Este último teve um salto de 35 casos para 46 casos, um aumento de 31%, enquanto Carazinho teve um aumento de 3 casos para 8 casos.

Juliano Rosso, presidente do PCdoB do Rio Grande do Sul, advertiu que o agravamento da situação deverá levar a administração da cidade a tomar providências para o retorno de medidas mais gerais de intensificação do distanciamento social, mas também medidas específicas quanto aos focos reconhecidos da doença. Apesar de ser um setor considerado essencial, a indústria de produtos de alimentação deve adotar medidas especiais de proteção de seus funcionários. Segundo Rosso, o Ministério Público do Trabalho já teria sido acionado para tomar as providências necessárias e urgentes.

Outra importante notícia foi a constatação de que numa casa de repouso da cidade, que vinha, inclusive, tomando medidas adequadas de proteção, apresentou 18 de seus pacientes positivos para a Covid-19. A confirmação se deu no sábado (25). Segundo informações do diretor, Jonathan dos Santos, na última quinta-feira (23) dois idosos apresentaram sintomas de febre. Os idosos foram transferidos para o Hospital São Vicente de Paulo e lá testaram positivo.

Em nota, a direção do PCdoB do estado alertou a população do município para a gravidade do quadro, pediu maior engajamento social nas medidas de proteção e cobrou mais iniciativas das autoridades. “Os governos municipal, estadual e federal vêm sinalizando a disponibilização de testes, mas é importante salientar que estes são em número, muitas vezes, inferior a necessidade de Passo Fundo”, diz um trecho na nota.

Metalúrgicos defendem a reestatização da Embraer

O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos divulgou nota neste sábado, 25, defendendo que a Embraer seja reestatizada. A nota foi divulgada após a norte-americana Boeing anunciar a desistência da compra da empresa brasileira.

A Boeing tinha até a meia noite de sexta-feira, 24, para concluir o contrato de aquisição da Embraer e, na manhã deste sábado, confirmou a rescisão do contrato.

Para o Sindicato dos Metalúrgicos, “a rescisão do acordo de compra da Embraer pela Boeing, anunciada neste sábado (25) pela empresa norte-americana, é uma reviravolta em uma transação marcada pelo desprezo aos interesses nacionais e dos trabalhadores”.

“O fim desse acordo é, principalmente, uma vitória do povo brasileiro e da soberania. O conhecimento acumulado pela indústria nacional de ponta não será, enfim, usado como moeda de troca nessa transação comercial espúria”, diz ainda a nota, que segue:

“Desde o início, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos posicionou-se contrário à venda porque a Embraer é um patrimônio nacional estratégico para o país e não precisa de aliança com parceiros internacionais para sobreviver.

Na transação que estava em curso, prevaleciam exclusivamente os interesses da Boeing, que pretendia sugar todo conhecimento e potencial da Embraer.

O processo de venda custou à empresa brasileira R\$ 485 milhões em 2019, segundo demonstrativo financeiro da própria Embraer. Exigimos que este prejuízo seja ressarcido pela Boeing.

O próprio governo Bolsonaro agiu de forma criminoso ao aprovar a entrega da Embraer para a Boeing. Se a venda já tivesse se consolidado, neste momento de crise certamente a nova proprietária da Embraer realizaria demissão em massa ou simplesmente encerraria as atividades no Brasil”.

A entidade defende “que o governo brasileiro cumpra o seu papel em favor da nossa soberania e reestatize a Embraer para que, diante dos efeitos colaterais a serem provocados pela ruptura do acordo, agravados pelas consequências econômicas causadas pela pandemia do coronavírus, os empregos e direitos dos trabalhadores sejam preservados integralmente.

Neste momento, é imprescindível que seja garantida a estabilidade no emprego para todos os trabalhadores da Embraer, que especialmente agora passam pelo medo do desemprego.

A alta capacitação dos trabalhadores fará a diferença em favor de uma empresa alinhada com os interesses verdadeiramente brasileiros e que não submeta o destino da vida de milhares de trabalhadores à perversa lógica do lucro.

A Embraer nasceu como uma empresa nacional e assim continuará”, finaliza a nota do Sindicato.

20 dias após aprovação, governo não conclui pagamento de auxílio



Semana começou com filas nas agências da Caixa por saque do auxílio

Bolsonaro diz que não pretende ampliar auxílio emergencial a outras categorias

O presidente Jair Bolsonaro afirmou que não pretende ampliar o auxílio emergencial de R\$ 600 para outras categorias de trabalhadores, em entrevista na manhã desta segunda-feira (27). Na semana passada, o Senado aprovou uma proposta que expande o pagamento do recurso dobrado (R\$ 1.200) a mães menores de 18 anos e pais de famílias solteiros.

O projeto agora será analisado por Bolsonaro que defendeu que “não está prevista a ampliação, até porque cada parcela está na casa, um pouco acima, de 30 bilhões de reais”, disse Bolsonaro.

“Estas [outras categorias] aí, por enquanto, não está previsto isso daí. Se houver necessidade, se nos convencerem e se tiver recursos para tal, a gente estuda e defere ou não”, disse.

Para o senador Ran-

dolfe Rodrigues (Rede-AP), “se Bolsonaro vetar nosso projeto de ampliação do auxílio emergencial, entregará milhões de famílias à fome e à MORTE! Essas famílias terão dificuldades p/ se manterem isoladas! O genocídio é um projeto desse governo! #BolsonaroGenocida”.

“Será que Bolsonaro vai virar as costas para categorias que inclusive o apoiaram, como é o caso dos caminhoneiros? Será que vai abandonar taxistas, mototaxistas e tantos outros? Dinheiro tem, precisa vontade de pagar!”, continuou Randolfe em suas redes sociais.

O texto aprovado pelo Senado acrescenta nominalmente categorias como beneficiárias da renda emergencial. Entre as categorias que podem ganhar o direito de receber o auxílio estão taxistas e motoristas de aplicativo, pescadores, trabalhadores de artes

e da cultura, agentes e guias de turismo, cabeleireiros e manicures e professores contratados que estão sem receber salário.

O projeto impede que o governo recuse o benefício a quem declarar não ter CPF e prevê a regularização automática dos CPFs irregulares sem custos para o beneficiário.

Outra medida aprovada, contrariando a vontade do governo federal, foi a ampliação do limite de renda para que idosos e pessoas com deficiência possam ter direito ao BPC (Benefício de Prestação Continuada).

Com a ampliação proposta, pessoas com renda menor de até meio salário mínimo passarão a ter direito de receber o BPC, aumentando o número de pessoas que podem receber o benefício. Hoje o limite é de pessoas que recebem até 25% do salário mínimo (R\$ 262,25).

Volks: trabalhadores conquistam acordo com 100% dos salários

Os trabalhadores da Volkswagen (VW) da cidade de Taubaté aprovaram, em assembleia virtual, o acordo coletivo que reduz 30% da jornada com a garantia de pagamento de 100% do salário líquido.

O pagamento dos salários será garantido pela composição de recursos da empresa e do seguro desemprego, nos moldes previstos pela Medida Provisória 936.

Os trabalhadores comemoram a manutenção dos salários líquidos, uma vez que a regra que tentou-se estabelecer através da MP 936 é de redução dos salários do conjunto dos trabalhadores.

“Aprovamos um acordo superior ao que é oferecido pelos parâmetros da MP 936 do Governo Federal. Um resultado que só foi possível em razão da união e organização dos trabalhadores, trabalhadoras e Sindicatos”, aponta o presidente do Sindmetau, Cláudio Batista, o Cláudio.

O acordo foi construído após reuniões entre o Comitê Nacional dos Trabalhadores na VW, composto por representantes do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté e Região (Sindmetau), Metalúrgicos de São Carlos, ABC e Curitiba e diretores da montadora.

“O acordo também determina que a

primeira parcela da PLR (Participação nos Lucros e Resultados) seja paga em maio. O valor será correspondente a 42% da PLR de 2019. Os 8% restantes serão pagos em dezembro, juntamente com a segunda parcela”, diz o sindicato em comunicado.

Os trabalhadores também aprovaram um novo cronograma para o fechamento do banco de horas sem que haja impacto no cálculo de férias ou 13º salário. Além disso, a proposta prevê a efetivação de alunos do Senai que estão em contrato temporário na fábrica de Taubaté.

Os trabalhadores, hoje em férias coletivas, voltarão às atividades no dia 18 de maio contando com adaptações na linha de produção, nos refeitórios e no transporte dos trabalhadores, para minimizar a exposição e contágio pelo novo coronavírus, para aumentar a distância entre os funcionários e para evitar aglomerações.

Além do reforço na higienização e da utilização de equipamentos de proteção, o protocolo incluirá a medição da temperatura corporal dos funcionários. Todas as ações serão detalhadas e apresentadas posteriormente aos trabalhadores por meio de informativos e treinamentos.



‘Ampliação do auxílio precisa ser sancionada o mais breve possível’, diz Davi Alcomumbre

O Senado aprovou a ampliação de categorias que podem ser beneficiadas pelo auxílio emergencial durante a crise do coronavírus. A medida foi aprovada por unanimidade, na quarta-feira (23), durante sessão virtual.

Além da ampliação das atividades profissionais e especificações de outras que não estavam claras no texto anterior, o projeto permite a concessão do recurso dobrado (R\$ 1.200) a mães menores de 18 anos e pais de famílias solteiros. No projeto anterior, apenas mães chefes de família tinham direito ao benefício em dobro.

O projeto também coloca que o governo não pode recusar o benefício a quem declarar não ter CPF e prevê a regularização automática dos CPFs irregulares sem custos para o beneficiário.

Outra medida aprovada, contrariando a vontade do governo federal, foi a ampliação do limite de renda para que idosos e pessoas com deficiência

possam ter direito ao BPC (Benefício de Prestação Continuada).

Com a ampliação proposta, o limite passou de 25% para 50% do salário mínimo, aumentando o número de pessoas que podem receber o benefício.

A proposta agora segue para o presidente Jair Bolsonaro, que pode sancioná-la na íntegra, fazer vetos parciais ou vetá-lo.

“Milhares de brasileiros aguardam esse dinheiro para minimizar os efeitos na queda de renda por conta da redução de toda a atividade econômica. Essa matéria precisa ser sancionada o mais breve possível”, comentou no Twitter o presidente do Senado, Davi Alcomumbre.

Autor da proposta, que foi votada na Câmara e sofreu alterações, o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), afirmou: “Eu espero que o senhor presidente da República não tarde em sancionar esse projeto”.

Entre as categorias beneficiadas estão pescado-

res artesanais, agricultores familiares e assentados da reforma agrária, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais; trabalhadores das artes e da cultura, cooperados ou associados de cooperativa ou associação de catadores e materiais recicláveis; taxistas, mototaxistas, motoristas de aplicativo e motoristas de transporte escolar; diaristas, agentes de turismo, seringueiros, mineiros e garimpeiros; profissionais da educação física e esportes; barraqueiros, ambulantes e garçons; profissionais da beleza, terapia complementares, entre outros.

O projeto também cria o Programa de Auxílio Emprego, que autoriza o governo a pagar parte dos salários de trabalhadores (até o limite de três salários mínimos) para que eles não sejam demitidos após a quarentena imposta pela pandemia. A medida, contudo, depende de acordos firmados entre patrões e trabalhadores.

Milhões ainda não foram homologadas ou correm às filas para tentar sacar o recurso

Após 20 dias da liberação do auxílio emergencial de R\$ 600, ou R\$ 1.200 para mães chefes de família, o governo está longe de concluir o pagamento, e milhões de brasileiros seguem à espera do benefício.

Segundo a Dataprev, empresa responsável por processar os dados das pessoas que se cadastraram, foram processados até agora 89,3 milhões de cadastros. Destes, 48,5 milhões foram aprovados, e mais 27,2 milhões estão inconclusivos, ou seja, que ficou faltando alguma informação para completar a requisição. Com isso, o número de pessoas aptas a receber o benefício pode passar de 75 milhões.

Até o momento, o governo creditou o dinheiro para 37,2 milhões, mas nem todos conseguiram ainda acessar o recurso. Como é o caso, por exemplo, dos que não tinham conta bancária e tiveram o dinheiro depositado em uma poupança digital, que não conseguiram abrir o aplicativo Caixa Tem para fazer pagamentos ou transferências.

Para essas pessoas, o saque do dinheiro começou a ser liberado somente nesta segunda-feira (27), e milhões de trabalhadores dormiram nas filas na madrugada de ontem para hoje em frente às agências da Caixa Econômica.

As filas e aglomerações também se repetiram em frente às agências da Receita Federal, como acontece há três semanas, de pessoas que ainda tentam regularizar o CPF para conseguir se cadastrar.

As dificuldades para que o dinheiro chegue a quem precisa são muitas. Além de CPF regularizado do requerente e de seus filhos, entre outras documentações, o trabalhador informal ou desempregado ainda tem que ter acesso à

Internet, celular ou computador para processar e acompanhar o seu cadastramento.

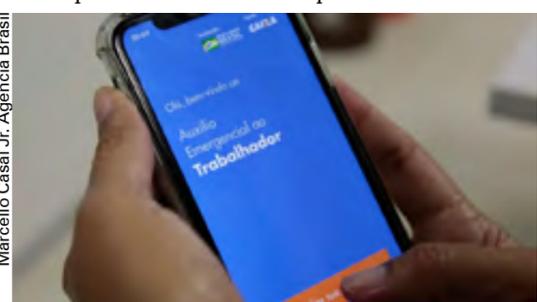
Outros requisitos são ter renda mensal de até meio salário mínimo (R\$ 522) por pessoa da família ou renda familiar total que não ultrapasse R\$ 3.135; não ter recebido nenhum rendimento tributável acima do teto de R\$ 28.559,70 em 2018, de acordo com declaração do Imposto de Renda, e não estar recebendo assistências sociais ou previdenciárias, como programas de renda ou seguro desemprego, com exceção do Bolsa Família.

Além disso, é preciso se enquadrar em pelo menos um dos requisitos como ser microempreendedor individual (MEI, estar inscrito no Cadastro Único de Programas Sociais (CadÚnico) ou ser contribuinte do Regime Geral de Previdência Social (RGPS).

Esses termos, que carregam em si até uma certa pompa, como “microempreendedores individuais” ou “inscritos no CadÚnico”, são, na verdade, a denominação para, entre outros, ambulantes, vendedores de brigadeiro nas escolas e na vizinhança, diaristas, limpadores de para-brisa das esquinas, entregadores de pizza, enfim, os milhões de cidadãos que, sem emprego formal, fazem o que podem para sobreviver.

São esses informais, tão aclamados como a “moderna” solução da política econômica do governo Bolsonaro, que agora o ministro da Cidadania, Onyx Lorenzoni, chama de “invisíveis”.

“Ao longo desse processo, mais de 20 milhões de informais ‘invisíveis’ foram identificados pelo Governo Federal”, declarou Lorenzoni ao informar que no início da semana que vem o governo vai definir o calendário de pagamento da segunda parcela do benefício.



Aplicativo da Caixa apresenta falhas e dificulta ainda mais acesso a auxílio

Os trabalhadores que estão aptos a receberem o auxílio emergencial têm relatado falhas no aplicativo Caixa Tem, utilizado para acesso à Poupança Social Digital e que permite a movimentação do dinheiro depositado.

Desde sexta-feira, relatos na internet com #CaixaTemNAOFUNCIONA apontam as dificuldades de acesso ao sistema.

É mais uma dificuldade imposta a milhões de pessoas que, mesmo após 15 dias da aprovação da MP que determina o pagamento do benefício, não conseguem obter o dinheiro.

Desde o início do processo, inúmeras barreiras foram colocadas às pessoas que tentam obter o benefício de R\$ 600 ou R\$ 1.200 em caso de mães chefes de família. Os obstáculos vão desde as dificuldades de acesso à internet até a necessidade de CPF regularizado.

No caso do CPF, a medida é ainda mais grave pois, além de atrasar o pagamento do

dinheiro, colocou milhões de pessoas expostas ao coronavírus em filas imensas nas agências da Receita Federal e Caixa Econômica por todo o país, revelando o retrato da incompetência do governo em fazer com que o dinheiro chegue nas mãos dos que mais precisam.

A dificuldade em entrar no aplicativo Caixa Tem, ou quando conseguem entrar, fazer transferências ou pagamentos, têm sido algumas das maiores reclamações dos beneficiados.

Usuários relatam que o aplicativo não abre, que dá erro, ou apresenta instabilidade impedindo que a pessoa possa usar o dinheiro. Para os que têm algum problema com o CPF o desespero é ainda maior, porque a absurda exigência de CPF regular para que o cidadão esteja apto a receber o benefício é só o início da maratona. No desespero de se cadastrar, pessoas têm passado a madrugada nas agências da Receita Federal.



Angelo Carconi - Ansa

Bella Ciao e bandeiras das janelas italianas Italianos comemoram de suas janelas e varandas a vitória sobre o fascismo

A Itália comemorou, dia 25, sábado, os 75 anos da derrota do fascismo.

Não foi possível realizar as tradicionais manifestações nas ruas por conta da pandemia do coronavírus, mas em todas as cidades milhões de italianos nas suas casas, nas suas janelas enfeitadas de bandeiras nacionais, cantaram "Bella Ciao", a canção dos partisans [membros da resistência], símbolo da luta contra o regime de Benito Mussolini.

No país, o dia 25 de abril de 1945 é lembrado como Dia da Libertação. Nessa data aconteceu a rendição dos últimos focos fascistas: eram as horas finais da Segunda Guerra Mundial. Três dias depois, o líder do partido fascista, Benito Mussolini, foi capturado junto a sua mulher, Clara Petacci, e ambos foram executados. Poucas horas depois, em seu bunker em Berlim, Adolf Hitler se suicidou.

"Bella Ciao" já era cantada nas janelas da Itália na luta contra a pandemia. Inclusive no Brasil e em muitos países do mundo a música que representa a resistência contra o que há de pior na Humanidade é lembrada e entoada hoje contra o coronavírus. Na Itália, país com uma rica tradição musical que impera em seu povo, as canções improvisadas entre os vizinhos são costume. Agora a canção antifascista cobrou uma dupla significação: como lembrança do ocorrido há 75 anos, e como forma de resistência, hoje contra o Covid-19.

O principal ato oficial foi encabeçado pelo presidente da República, Sergio Mattarella, que subiu sozinho ao Altar da Pátria em Roma e rendeu tributo ao Soldado Desconhecido. Assinalou que naquele dia "nasceu uma nova Itália unida em torno a valores morais e civis universais, que tem sabido construir seu próprio futuro".

A Itália é um dos países mais castigados pela pandemia, com 26 mil 384 mortos registrados neste domingo. Foi o mais atingido, até ser superado pelos Estados Unidos. Nas últimas 24 horas, teve 415 pessoas falecidas: o menor número em um mês. "Agora e sempre, resistência", afirmou o presidente da Euro-câmara, David Sassoli do bloco Partido Democrático/Socialistas e Democratas (PD/S&D), em seu discurso de homenagem ao aniversário da vitória contra o fascismo.

"Em 25 de abril de 1945, o Comitê de Libertação Nacional da Itália proclamou a insurreição em todos os territórios ocupados pelos nazi-fascistas. 'Render-se ou morrer!' era a senha que os comandos guerrilheiros (partisans, como ficaram conhecidos) usavam contra o inimigo", lembrou Sassoli: "Este dia marca a queda do fascismo e a expulsão dos nazistas da Itália. A história da República começa ali, o Referendum sancionou o fim da monarquia e pouco depois nasceu nossa Constituição, fundada nos valores da liberdade e do antifascismo".

"Nunca devemos esquecer aqueles homens e mulheres que tomaram a decisão de lutar e rebelar-se contra a guerra, muitos simplesmente desobedecendo à ditadura. Muitos deles caíram gritando 'Viva a liberdade'. Não esqueçamos seu sacrifício. Graças a eles somos livres hoje", concluiu.

Sassoli ressaltou os valores do antifascismo em uma crise como a atual: "Inclusive em um momento como o que estamos vivendo, porque no antifascismo existe a semente da tolerância, a solidariedade, o progresso para todos e não para uns poucos. O faremos de novo, venceremos a pandemia lembrando o sacrifício de muitos. Hoje como ontem, agora e sempre: Resistência!".

UE condena o acerto Netanyahu-Gantz para usurpar terra palestina

Esta matéria traz os principais trechos de artigo de Noa Landau, repórter diplomática do jornal israelense Haaretz, intitulada "Reino Unido e Estados da União Europeia advertem governo Netanyahu-Gantz contra anexação da Cisjordânia".

N.B.

NOA LANDAU

A União Europeia e mais diversos outros países Europeus, o que inclui Alemanha, França e Inglaterra, reiteraram sua oposição à aspiração do governo israelense de anexar partes da Cisjordânia [referindo-se aos territórios palestinos ocupados à margem ocidental do rio Jordão, dos quais Bibi Netanyahu e Benny Gantz acordaram em oficializar sua usurpação, como parte dos acordos para estabelecer um governo de coalizão de direita].

"A posição da União Europeia acerca do status dos territórios ocupados por Israel em 1967 se mantém", afirmou o diretor de Política Externa da UE, Josep Borrell, na quinta, dia 23, pouco antes de um encontro do Conselho de Segurança da ONU.

"A União Europeia não reconhece qualquer soberania israelense sobre a Cisjordânia ocupada", enfatizou Borrell. Ele declarou que a União

Europeia veria qualquer anexação como séria violação da lei internacional e "vai continuar a monitorar de perto a situação assim como suas mais amplas implicações e vai agir de acordo".

O governo de Israel desafiou as declarações de Borrell e disse que elas não representam a posição dos Estados membros da UE [com base no fato de que uma declaração acerca desta questão não foi consensual em reunião recente da UE]. "Considerando a profundidade de nossas relações, e à luz do fato de que, mais uma vez, uma declaração similar não recebeu apoio dos Estados membros há poucos dias, eu imagino que política este distinto senhor está representando", diz declaração oficial israelense. O ministro do Exterior Yisrael Katz, agradeceu "nossos amigos na Europa que se opuseram ao anúncio de Borrell".

[Porém, a posição de Borrell não está tão isolada como querem os israelenses]. No mesmo encontro no Conselho de Segurança, o coordenador especial da ONU para o Oriente Médio, o búlgaro Nickolay Mladenov, afirmou: "Anexar partes da Cisjordânia se constitui em uma séria violação da lei internacional, em um golpe devastador na solução dos Dois Estados".

Materia na integra em: www.horadapovo.com.br

Trump: "Injetem desinfetante no pulmão de doentes com Covid-19"



Donald Trump sugere solução final para os casos graves da pandemia

18 infectados a bordo: Covid-19 força destróier dos EUA a retornar ao porto

O destróier norte-americano USS Kidd está se dirigindo de volta a um porto após o Pentágono confirmar que um marinheiro testou positivo para a Covid-19 e foi evacuado do navio. Pelo menos 18 marinheiros estão infectados, registrou a Reuters.

O Kidd estava desempenhando uma missão no Pacífico Oriental e seu retorno é para que seja rapidamente desinfetado e a tripulação obtenha cuidados.

Anteriormente, a tripulação do porta-aviões nuclear Theodore Roosevelt foi posta sob confinamento em Guam, com 856 tripulantes contaminados a bordo, inclusive o capitão Brett Crozier. Um marujo morreu de Covid-19 e quatro continuam hospitalizados.

Crozier foi afastado do comando, por ter enviado carta a três almirantes pedindo ajuda para sua tripulação ser socorrida, e foi aclamado como herói ao deixar o porta-aviões.

A desastrosa gestão da crise, concentrada em jogar a culpa sobre Crozier, levou à renúncia do chefe interino da Marinha, Thomas Modly.

Como Crozier advertira, no interior de um navio de guerra não há como manter o distan-



Irã já avisou a Trump: cuide do vírus em vez de ameaçar

ciamento imprescindível para evitar a propagação da doença.

Na sexta-feira a Marinha dos EUA recomendou ao Pentágono reconduzir o capitão Crozier, após inquérito preliminar sobre o episódio. A decisão agora está em mãos de Mark Esper, secretário da Defesa de Trump, registrou a Reuters, citando fontes da força naval sob anonimato.

As forças armadas norte-americanas já perderam outro homem para a Covid-19: um integrante da Guarda Nacional. Há rumores de surtos a bordo de outros navios, como o porta-aviões Ronald Reagan.

O mais recente surto de coronavírus na Marinha norte-americana aconteceu dias após o presidente Trump ameaçar esta semana "afundar [navios iranianos]" se eles ameaçarem qualquer navio de guerra

dos EUA.

A resposta de Teerã foi dizer que Washington deveria focar seus esforços em combater a pandemia, ao invés de provocar o Irã.

Militares de outros países também têm sido afetados. Na França, cerca de 1 mil tripulantes do porta-aviões Charles de Gaulle e de sua escolta estão em confinamento, por infecção de Covid-19. 24 marinheiros estão hospitalizados, com um em condição crítica. 545 apresentaram sintomas.

Na Rússia, 10 mil soldados, que participavam em Moscou dos ensaios para a parada dos 75 anos da vitória sobre Hitler na II Guerra - aliás, adiada em consequência da pandemia - foram postos em quarentena para prevenir contágios. Moscou é a região russa mais afetada pelo coronavírus.

Governo argentino reúne organizações sociais e anuncia que vai estender a quarentena

O presidente da Argentina, Alberto Fernández, depois de reunir-se com a comissão formada por médicos e cientistas que o assessoram, programou a extensão da quarentena no país por mais duas semanas, até segunda-feira, 11 de maio. Os especialistas insistiram em ressaltar os bons resultados que está trazendo o isolamento obrigatório.

Apontaram que a curva que marca os infectados continua achatada e a duplicação dos contágios - um índice de referência chave - segue se esticando além dos 14 dias. O principal problema está focalizado na área metropolitana. A capital Buenos Aires e as cidades próximas concentram 70% dos casos. Lá a quarentena é rígida, tendo controles de segurança e inclusive detenções quando há atitudes de desobediência.

Na reunião, os especialistas advertiram que não se deve permitir aniversários ou festas familiares, nem encontros artísticos ou esportivos, eventos que às vezes fogem ao controle. Também deverão continuar fechadas as passagens fronteiriças e aeroportos. O mesmo deve acontecer com as aulas, ainda mantidas na variante virtual.

O governo está elaborando o chamado "mapa de calor" no qual se cruzam as diferentes variantes para marcar os lugares de maior ou de menor perigo de circulação. "Não podemos tomar medidas que não sejam embasadas na realidade, na ciência. Entre os pontos que se



Sindicalistas e o presidente debatem combate ao vírus

levarão em conta para definir as coisas, estão a densidade da população, a quantidade de casos que há, a duplicação da curva, a quantidade de leitos de terapia e os serviços de internação. Estão sendo preparadas normas mais detalhadas sobre como tem que ser a proteção da equipe de saúde para que seja igual para todo o país", explicou a infectologista Angela Gentile, uma das especialistas que esteve na reunião.

Além de medidas específicas a serem definidas pelos Estados e municípios, também foram avaliadas ideias para habilitar saídas de crianças com supervisão dos adultos para os quais um isolamento total pode começar a lhes resultar nocivo.

O Presidente Alberto Fernández reuniu-se com dirigentes de movimentos populares. "Você são atores centrais porque têm o respeito de suas comunidades. São a peça central do presente e do futuro", disse no encontro em que também

Apóstolo da cloroquina agora surpreende os epidemiologistas com sua perspicácia e criatividade: "Existe uma maneira de fazer algo por injeção por dentro ou quase uma limpeza"

A mais nova sugestão do presidente Donald Trump para curar os doentes da Covid-19 é injetar desinfetante nos pulmões deles: "Existe uma maneira de fazer algo assim por injeção por dentro ou quase uma limpeza".

O desinfetante derubaria [o coronavírus] "em um minuto", acrescentou.

A inusitada proposta, que provavelmente complementa o tratamento à base de cloroquina que ele tanto propagandeia, foi feita durante sua explanação diária sobre o progresso da pandemia em solo norte-americano, cujo total de mortos está prestes a atingir 50 mil. O número de casos se aproxima dos 900 mil.

Trump também aventou outra hipótese clínica: o uso de uma luz muito forte. "Suponha que atingimos o corpo com uma luz tremenda. Isso não foi verificado".

A incursão de Trump na arte da cura pode ser apreciada nas redes sociais e foi mostrada em rede nacional.

Um Nobel de Medicina, quem sabe?

SARCASMO?

Depois que ficou impossível ignorar a repercussão negativa, Trump remendou que era só "sarcasmo". Aos que presenciaram a cena, a inusitada prescrição da injeção de desinfetante não pareceu nem um pouco sarcástica, e Trump ainda fez questão de dirigir um comentário à chefe de sua força-tarefa anti-Covid-19, Dra. Deborah Birx, que não sabia onde enfiar a cara.

Originalmente, a força-tarefa estava querendo chamar a atenção para o uso de produtos de limpeza domésticos - como água sanitária e álcool isopropílico - para a descontaminação de superfícies, o que foi feito por um cientista do Departamento de Segurança Interna.

30 ingerem desinfetantes em NY após ideia de Trump

Os casos de ligações de emergência em Nova Iorque por ingestão de produtos de limpeza mais que dobraram nas 18 horas seguintes à recomendação do presidente Trump de injetar desinfetante nos pulmões dos doentes para curar a Covid-19 segundo o centro de controle de envenenamento da cidade.

Foram cerca de 30 ligações de emergência, em comparação os 13 casos do mesmo período do ano passado. A informação é da rede de tevê NBC, dos EUA.

"Derruba o coronavírus em um minuto", havia asseverado Trump ao prescrever o desinfetante direto nos pulmões dos incautos, em transmissão ao vivo desde a Casa Branca na noite de quinta-feira (23).

"Existe uma maneira de fazer algo assim por injeção por dentro ou quase uma limpeza" - como ele próprio já se definiu em um momento de modéstia.

Trump ainda aventou o uso de uma "luz muito forte" contra a Covid-19, possivelmente se referindo à radiação ultravioleta. "Suponha que

Foi aí que Trump resolveu se aventurar na arte da cura e provavelmente deve ter reparado no estuportoso causado nos infectologistas presentes, pois imediatamente acrescentou que "soa interessante para mim".

"NÃO BEBA"

Ao Washington Post, o diretor de Saúde Global em Emergência Médica do Centro Médico da Universidade de Columbia, Craig Spencer, disse que a preocupação dele é que "ia morrer gente". "Pessoas vão pensar que é uma boa ideia. Não é meramente um conselho tirado da manga ou tipo talvez-isso-vá-funcionar. É perigoso".

"Por favor, não beba ou injete desinfetante", tuitou Walter Shaub, ex-diretor do escritório federal de questões éticas (OGE) no governo Obama. Dirigindo-se a Trump, conclamou: "pare de transmitir essas conferências de imprensa sobre o coronavírus. Elas estão colocando vidas em risco".

Por sua vez o ex-secretário do Trabalho do governo Clinton, Robert Reich, denunciou que as conferências de imprensa de Trump são "um perigo para a saúde pública". Ao público, ele pediu: "Boicote a propaganda. Ouça os especialistas. E por favor não beba desinfetante".

A médica de pronto-socorro e professora da Universidade de Saúde e Ciência do Oregon, Esther Choo, postou que as recomendações de Trump nas conferências diárias estão ficando cada vez mais bizarras e perigosas.

"Estamos vindo da sugestão de tratamentos não comprovados (hidroxicloroquina) para a de substâncias que sabidamente causam dano (álcool isopropílico, água sanitária). O que virá a seguir?"

E concluiu: "essas são coisas que nós sempre nos preocupamos que as crianças não engulam acidentalmente".

atingimos o corpo com uma luz tremenda. Isso não foi verificado".

Antes, em outra incursão na ciência médica, Trump havia feito apologia da cloroquina, uma droga usada contra a malária, para cuidar dos infectados com o novo coronavírus, levando vários hipocondríacos à morte.

Associações de medicina e profissionais de saúde em pânico haviam ido a público alertar as pessoas a não darem ouvidos ao perigoso presidente. "Essa ideia de injetar no corpo ou ingerir qualquer tipo de produto de limpeza é irresponsável e perigosa", disse à NBC o diretor Vin Gupta, especialista em saúde pública e especialista em pulmão e em terapia intensiva. "É um método comumente usado por pessoas que querem se matar", acrescentou.

O desatino também repercutiu mal, muito mal, no exterior. "Da mesma forma, também se imolar com fogo pode ser uma alternativa útil", ironizou o instituto de pesquisa francês Marselha Immunopôle. O método de Trump, enfatizou, "mataria o vírus e os pacientes!"

ONU e OMS pedem o 'maior esforço de saúde da história' contra Covid-19



Logo da OMS/Reuters

Videoconferência foi articulada pela OMS e teve o apoio de líderes europeus

Corrupção em Washington tem digitais de Trump por todo lado

A campanha do presidente Donald Trump está secretamente pagando US\$ 15.000 por mês à esposa de um dos filhos de Trump e à namorada de outro, afirmou o Huffington Post na sexta-feira (24), de acordo com "altos republicanos com conhecimento dos pagamentos".

Trump costuma ser notícia mais pelas tacadas no ataque – como as recentes denúncias sobre as investidas de seus hotéis para serem aquinhoados na ajuda emergencial, o que foi expressamente proibido no pacote de março do Congresso.

Ou por se recusar a mostrar seu imposto de renda [ou as digitais da evasão de impostos?]. Ou pelas diárias que seus hotéis cobram de servidores públicos que optaram por se hospedar, em viagem, nas empresas do chefe. Ou pela nomeação de doadores graúdos de campanha para cargos como embaixadas e agências governamentais.

Mas, como o Huffpost está mostrando, o presidente bilionário também belisca no varejo, sem qualquer preconceito. As felizardas são Kimberly Guilfoyle, a namorada do filho mais velho, Donald Jr., e Lara Trump, esposa do filho do meio, Eric, conforme duas fontes descritas como "conselheiros informais da Casa Branca e sob condição de anonimato".

As duas fontes não estão certas de quando os pagamentos começaram, mas disseram ao Huffpost que estão sendo feitos pelo gerente da campanha, Bradley Parscale,

através de uma empresa dele, ao invés de diretamente pela campanha ou pelo Partido Republicano, para driblar normas legais.

"Eu posso pagar a elas o quanto eu quiser", disse ao portal norte-americano o gerente da campanha, Parscale.

Críticos do embróglio, inclusive republicanos, disseram que essa foi a forma encontrada para passar ao largo das normas da Comissão Federal Eleitoral, que requer das campanhas, partidos políticos e outros comitês que detalhem seus gastos.

Parscale é um lavador de dinheiro, não um gerente de campanha", afirmou um ex-assessor da campanha presidencial de Mitt Romney de 2012, Stuart Stevens. "É por isso que ele está no posto", acrescentou.

Para o especialista em financiamento legal de campanhas da ong Causa Comum, Paul Ryan, "um monte de gente" próxima a Trump está se lucrando. "Eles não querem que os doadores saibam – porque, ao final das contas, é dinheiro doado".

Lara Trump participou da campanha de Trump de 2016 realizando entrevistas na mídia em nome de seu sogro e continuou como conselheira senior dos eventos "Mulheres por Trump" na campanha deste ano.

No início de 2017, Parscale confirmou que a tinha contratado para trabalhar para a empresa dele, que, por incrível coincidência, continua a trabalhar pela

campanha de Trump.

Já Guilfoyle tem acompanhado Donald Jr. em eventos de campanha desde que os dois começaram a namorar há dois anos. Ela era apresentadora da Fox News até deixar a rede em 2018.

A namorada de Donald Jr. foi nomeada em janeiro presidente do 'Vitória de Trump', um comitê conjunto de levantamento de fundos usado para solicitar e distribuir dinheiro para a campanha de reeleição de Trump e para o Comitê Nacional Republicano (RNC, na sigla em inglês).

"Ela faz alguma coisa, mas é apenas como uma chefe de torcida idiota", disse sobre Guilfoyle ao Huffpost um dos conselheiros sob anonimato da Casa Branca. "Ela atende telefonemas de doadores, e é ridículo", acrescentou.

A existência dos pagamentos – embora não as quantias – foi primeiro noticiado pelo New York Times, que relatou uma cena na qual Guilfoyle inquiriu Parscale sobre porque os cheques de pagamento dela sempre atrasavam. O incidente ocorreu em 18 de junho de 2019, sugerindo que os pagamentos a ela estavam acontecendo há algum tempo.

As normas da FEC exigem que campanhas, partidos políticos e outros comitês registrem todos os gastos, inclusive pagamentos para empregados. Normas desrespeitadas pela campanha de reeleição de Trump.

Leia matéria completa em www.horadopovo.com.br



Foto:Henriodade/CP

A nave russa Progress é a mais rápida a alcançar a ISS: 3 horas e 20 minutos

Nave russa alcança a ISS em tempo recorde

Washington encerrou seu programa de ônibus espaciais, os EUA dependem dos foguetes russos da Soyuz para levar e buscar seus astronautas e entregar provisões à ISS. Soyuz é o nome de uma família de veículos de lançamentos descartáveis desenvolvidos pelo OKB-1 na então União Soviética desde a década de 1960 e, ainda hoje, é o veículo de lançamento mais frequentemente usado em todo o mundo.

Com este lançamento a Progress levou com-

bustível, água e material para realizar experimentos científicos, alimentos, roupas e medicamentos para a ISS. Seu lançamento foi dedicado ao 75º aniversário da vitória sobre o nazismo, que a Rússia celebrará em 9 de maio, explicou a Roskosmos. Por esse motivo, o lançador usado foi decorado com a imagem da fita de São Jorge, um símbolo patriótico em laranja e preto que representa a luta do povo soviético contra os nazistas. Este símbolo foi destacadamente promovido pelo Estado russo pós-soviético.

Washington encerrou seu programa de ônibus espaciais, os EUA dependem dos foguetes russos da Soyuz para levar e buscar seus astronautas e entregar provisões à ISS. Soyuz é o nome de uma família de veículos de lançamentos descartáveis desenvolvidos pelo OKB-1 na então União Soviética desde a década de 1960 e, ainda hoje, é o veículo de lançamento mais frequentemente usado em todo o mundo.

Grã-Bretanha prorroga a suspensão de atividades

O secretário de Saúde britânico, Matt Hancock, afirmou compreender as "pressões econômicas" realizadas por alguns setores para remover as restrições impostas pelo combate ao covid-19, mas que não permitirá mudanças até que seja seguro fazê-las.

Neste sábado o número de contagiados beirou os 150 mil e os de mortos ultrapassou os 20 mil, reforçando a posição do governo de enfrentar a pandemia, particularmente com quarentena.

O fato, assinalou o secretário de Saúde, é que não pode haver recuo nesta política de isolamento, devido aos graves riscos que implicaria para a sobrevivência e a vida de milhões de britânicos. Por isso, frisou, "não permitirei que sejam feitas alterações inseguras". "Temos que manter o público seguro", sublinhou.

De acordo com o secretário, o Reino Unido continuará em "lockdown" – como denominam a suspensão total de atividades – até, pelo menos, o próximo dia 7 de maio, pois "a pior coisa para a economia seria um segundo pico". E, em vez disso, alertou Matt Hancock, "se você conseguir reduzir o número de novos casos, poderá detê-lo por meio de testes, rastreamento e rastreamento. E isso permitirá que você libere mais medidas", concluiu.

China apoia a OMS no combate à Covid-19 com US\$ 30 milhões

O governo da China, através da porta-voz do Ministério de Relações Exteriores, Hua Chunying, anunciou na quinta-feira, 23, que doará 30 milhões de dólares à Organização Mundial da Saúde (OMS) para apoiar a luta contra a pandemia do Covid-19.

A diplomata lembrou que, em esforço para superar internacionalmente os problemas, "já doou 20 milhões de dólares em efetivo à OMS no dia 11 de março".

No sentido contrário, os Estados Unidos suspenderam na semana passada sua parcela de contribuição para a OMS sob o pretexto totalmente inconsistente de que a entidade estaria se aliando à China e realizando um mal tratamento da pandemia do coronavírus.

Pequim afirmou que quer "apoiar a luta global (da OMS) contra a Covid-19, em particular reforçando os sistemas sanitários dos países em desenvolvimento". "Neste momento crucial, apoiar a OMS é apoiar o multilateralismo e a solidariedade global", disse a porta-voz.

Em coletiva de imprensa, Geng Shuang, também em nome do Ministério de Relações Exteriores, comentou as recentes declarações de alguns políticos norte-americanos ligados ao presidente Donald Trump, de que o vírus teria se originado em um laboratório de virologia de Wuhan, informou a agência Xinhua.

"A origem da covid-19 é uma questão de ciência, que deve depender de cientistas e especialistas médicos para descobrir, mas não deve ser politizada", assinalou Geng.

De acordo com Geng, o diretor do Instituto de Virologia de Wuhan, subordinado à Academia Chinesa de Ciências, negou as alegações sem fundamento e ilógicas do lado americano ao dar uma entrevista, enfatizando que o Instituto tem um regime regulatório estrito.

Qualificou como desacertadas as acusações do assessor comercial da Casa Branca, Peter Navarro, que expressou que a China aproveitou a situação para ganhar vantagem com uma apropriação do mercado de insumos médicos.

Geng Shuan demontou o argumento lembrando que entre os dias 1º de março e 17 de abril seu país forneceu aos Estados Unidos mais de um bilhão de máscaras, 258 milhões de pares de luvas e 29 milhões de uniformes protetores, entre outros materiais e equipamentos, sem colocar no centro qualquer vantagem.

"O vírus não conhece fronteiras e não faz distinção de raças. A China, tal como outros países no mundo, é uma vítima da pandemia.

Ao longo da resposta a esta crise de saúde pública, a urgência e importância de construir uma comunidade de destino comum tornou-se ainda mais urgente. As falácias e teorias da conspiração que acompanham a epidemia global, não só não são benéficas para esta luta, como alimentam a desconfiança e corrompem os esforços conjuntos", registrou o Diário do Povo Online, na quinta-feira, 23, no artigo Pesquisa do novo coronavírus deve ser baseada na ciência.

"A difusão de teorias da conspiração, artificiosas que usam a pandemia para estigmatizar outros países, e posições que desacreditam os fatos são, essencialmente, anti-científicos. A politização de crises de saúde pública deve ser ativamente combatida. O uso da ciência para combater a ignorância, da verdade para esmagar os rumores, da cooperação para eliminar o preconceito e a luta coletiva são a atitude correta para debelar esta pandemia", sublinhou.

"O presidente Xi Jinping afirmou: 'O que a comunidade internacional mais necessita é de uma confiança firme, esforços concertados, uma resposta unida e o fortalecimento da cooperação internacional, formando uma frente unida para superar a epidemia'. Ao adotarmos o espírito científico, pugnarmos pela unidade, assegurando que todos estamos no mesmo barco, com certeza, superaremos a epidemia e poderemos aspirar a um melhor desenvolvimento humano no amanhã", concluiu o Diário do Povo.

Conferência à distância enfatizou o compromisso da OMS, da ONU e de líderes mundiais de que os novos tratamentos e vacinas que surjam para lidar com a pandemia deverão "chegar a todos"

Vencer a pandemia de coronavírus requer "o maior esforço de saúde pública da história", alertou o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, no lançamento na sexta-feira (24), por videoconferência, de uma iniciativa global, encabeçada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), para unificar e acelerar o desenvolvimento de medicamentos, testes e vacinas seguros e eficazes contra a Covid-19 e seu compartilhamento equitativo pelos povos do mundo inteiro.

O evento enfatizou o compromisso da OMS, da ONU e de importantes líderes mundiais de que os novos tratamentos para lidar com a pandemia "chegarão a todos".

Demonstrando seu apoio à OMS, participaram à distância, com pronunciamentos, líderes da União Europeia – como o presidente francês Emmanuel Macron, a primeira-ministra alemã Angela Merkel, do primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte, do primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez e a presidente da Comissão Europeia, a alemã Ursula von der Leyen.

A pandemia de Covid-19 se aproxima dos 3 milhões de infectados no planeta inteiro e já causou 200 mil mortos, sendo que a Europa foi duramente atingida, em especial a Itália, Espanha, França, Grã Bretanha e Alemanha.

AUTOEXCLUSÃO

O governo Trump e o governo Bolsonaro se autoexcluíram da videoconferência.

Caberá à presidente da Comissão Europeia presidir no dia 4 de maio uma conferência de doadores, cuja meta é levantar 7,5 bilhões de euros para esse esforço concentrado para avançar na contenção da Covid-19.

Guterres pediu "uma vacina e tratamentos baratos, saudáveis, eficazes e facilmente utilizáveis que atendam a todos, em qualquer lugar. Ninguém estará seguro até que estejamos todos seguros. O Covid-19 não respeita fronteiras".

Como apontou o secretário-geral da ONU, "o mundo precisa desenvolver, produzir e garantir uma distribuição equitativa" de vacinas e tratamentos quando disponíveis".

O que o que se faz necessário – enfatizou Guterres – não é "uma vacina ou tratamento para um país ou região ou metade do mundo – mas uma vacina e tratamento acessíveis, seguros, eficazes, fáceis de administrar e universalmente disponíveis – para todos, em qualquer lugar".

"O mundo precisa dessas ferramentas e precisa logo", disse Ghebreyesus. "Enfrentamos uma ameaça comum que apenas poderemos derrotar em uma abordagem comum", disse o diretor-geral, ressaltando que todas as vacinas, diagnósticos e tratamentos devem ser igualmente disponibilizados a todas as pessoas.

"A experiência nos conta que, mesmo quando as ferramentas estão disponíveis, elas não estão igualmente disponíveis para todos. Não podemos permitir que isso aconteça", afirmou.

"Desde janeiro, a OMS trabalha com milhares de pesquisadores em todo o mundo para acelerar e acompanhar o desenvolvimento de vacinas – desde o desenvolvimento de modelos animais até projetos de ensaios clínicos e tudo mais. Também desenvolvemos diagnósticos que estão sendo usados em todo o mundo, e estamos coordenando um estudo global sobre a segurança e eficácia de quatro ações terapêuticas contra o Covid-19", declarou o diretor-geral da OMS.

A iniciativa, denominada Access to Covid-19 Tools Accelerator, ou ACT Accelerator [Acelerador de Acesso

a Ferramentas contra a Covid-19], pretende levantar até maio 7,5 bilhões de euros para intensificar o trabalho de prevenção, diagnóstico e tratamento.

Um levantamento realizado pela OMS, com dados até 20 de abril, aponta que ao menos 76 pesquisas de vacinas já se encontram em andamento no mundo – 71 em fase pré-clínica e cinco em fase clínica.

Von der Leyen enfatizou que os 7,5 bilhões de euros são apenas "um primeiro passo, ainda mais será necessário no futuro".

No momento em que o governo Trump cortou o repasse à OMS [US\$ 400 milhões] em plena pandemia, o ato em Genebra constituiu, ainda, uma grande manifestação de apoio político à ação da organização que coordena no mundo a defesa da saúde pública e confirmou o isolamento da Casa Branca por sua sabotagem do combate ao coronavírus por motivos eleitorais. Além de, em termos financeiros, ser 20 vezes o repasse cortado por Trump.

O presidente Macron afirmou que seria "inexplicável e imperdoável que uma vacina esteja disponível apenas no país onde foi desenvolvida ou onde as grandes farmacêuticas investiram" – o que foi apontado pelo portal Deutsche Welle como "uma aparente crítica aos EUA".

Conforme as denúncias, Trump andou tentando obter de uma empresa alemã direitos exclusivos sobre uma vacina em fase de teste, e andou pirateando e sequestrando equipamentos de proteção e respiradores que tinham outros países como destino.

"A partir do momento em que venceremos essa batalha, devemos fazer com que a vacina seja acessível a todas as populações, tão logo quanto possível e em toda parte", reiterou Macron.

O líder francês se comprometeu em continuar a mobilizar os países do G7 e G20 para que apoiem essa iniciativa. "Espero que possamos reconciliar a China e os EUA em torno dessa iniciativa, porque se trata de dizer: 'A luta contra a covid-19 é um bem humano comum, e não deveria haver divisões para ganhar essa batalha'", acrescentou.

Quando Trump acusou a OMS de agir tendenciosamente a favor da China e de não alertar sobre a pandemia, o ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Heiko Maas, em conferência por vídeo de chanceleres de 23 países da "Aliança para o Multilateralismo", afirmou que a OMS continua sendo "a espinha dorsal do combate à pandemia".

Ele acrescentou que "não fazia qualquer sentido questionar então a capacidade da OMS para a função ou sua significância", que a OMS tinha que ser fortalecida, e apenas quando o pior da crise tivesse passado é que poderia se ver que lições haveria a serem aprendidas.

A conferência também contou com a participação de organizações privadas, que têm contribuído para o orçamento da OMS, como a Fundação Bill e Melinda Gates.

Nas últimas conferências diárias virtuais sobre o combate à pandemia, a OMS tem advertido que as medidas de distanciamento social não podem ser afrouxadas apressadamente e que é imprescindível "testar, testar, testar", isolar e tratar os infectados e rastrear seus contatos, já que, sem vacina e sem tratamento eficaz, a única forma de evitar as tragédias como as vistas no norte da Itália ou no Equador, com colapso dos hospitais e dos cemitérios, é achar a curva de contágio e ganhar tempo.

A República e a formação do caráter nacional - (3)

Continuação da edição anterior

A Abolição – e, por consequência, a República – era o início e não o término de uma luta

CARLOS LOPES

Um mês antes da Abolição, em abril de 1888, quando os monarquistas quiseram atribuir a já inevitável libertação dos escravos ao trono, Rui Barbosa, em um comício abolicionista realizado em Salvador, repeliu essa falsificação:

“Uma nação que não tem, ao menos, consciência do bem, que deve a si mesma, e não sabe senão laurear os seus senhores com a honra das capitulações, que lhes extorquê, é uma vil aglomeração de hilotas. A verdade, neste quinquênio que data a agonia do elemento servil, é que o país andou sempre adiante do trono, e que o trono atrasou, quanto lhe coube nas forças, o advento da redenção” (Rui Barbosa, “Aos abolicionistas baianos”, discurso a 29 de abril de 1888, **Obras Completas**, vol. XV, t. 1, pp. 138-139, grifo nosso).

Nesse discurso de Rui, 19 meses antes da Proclamação da República, existe toda uma visão da História do Brasil, tanto em termos políticos imediatos quanto ao que se poderia chamar “ethos” ou caráter nacional – e sua ligação com o desenvolvimento do país:

I) sem a escravidão a monarquia era insustentável:

“... Fazendo da abolição uma empreitada entregue ao partido reator (bem-vinda colaboração!), a coroa enfraqueceu substancialmente a autoridade das futuras pretensões à resistência; e bem pouco vê quem não percebe a gravidade do golpe republicano que ela candidamente desfechou nos próprios interesses, levando o elemento conservador até às fronteiras da reforma social. A responsabilidade do arrojo não toca aos inimigos da ordem; nem o princípio reformador podia esperar essa cooperação inaudita. Os que se encarregam da abolição, depois de tê-la estigmatizado como roubo, e preconizado a propriedade servil como a instituição das instituições, perderam a competência para representar a tradição. Nem podem inventar, nunca mais, contra a onda crescente das reivindicações liberais, encantos, que não estejam de antemão desmoralizados pela instantaneidade da sua conversão ao radicalismo abolicionista. Quando outra vez, para contrariar o ímpeto da torrente, quiserem levantar do chão estes farrapos de estribilho, empunhando a brocha com que os pinta-ratos oficiais nos retratavam como a legião do petróleo [isto é, como incendiários], e erigir de novo contra a nossa propaganda o espantelho da sociedade em perigo, o público sorrirá, calculando entre si que soma de entusiasmo elástico se reserva naqueles peitos, para converter, no dia seguinte os exorcistas da anarquia em chefes da revolução” (Rui, **op. cit.**, pp. 137-138, itálicos no original, grifo nosso).

II) a Abolição, aprovada 14 dias depois, era uma obra nacional, e, especialmente, dos escravos:

“... essa mutação política, que abolicionistas eminentes, não sei por que justiça, ou por que lógica, têm agradecido à munificência da realeza, é simples ato da vontade nacional, alumiada pela propaganda abolicionista; é obra da atitude da raça escrava, rebelada contra os feudos

pela invasão do evangelho abolicionista na região tenebrosa das senzalas; é resultado, enfim, do clamor público, agitado pelas circunstâncias que acabaram por encarnar a escravidão no ministério mais impopular do segundo reinado, e entregá-lo às iras da questão militar” (grifo nosso).

(...)

“Hoje a regência [da princesa Isabel] pratica às escâncaras, em solenidades públicas, o acoitamento de escravos, fulminado, contra nós, como roubo, pela infame lei do império, uma lei de ontem. Mas isso depois que dos serros de Cubatão se despenhava para a liberdade a avalanche negra, e o não quero do escravo impôs aos fazendeiros a abolição” (Rui, **op. cit.**, p. 138-139, grifo nosso, itálico no original).

III) a Abolição – e, por consequência, a República – era o início e não o término de uma luta:

“Pueril engano realmente, senhores, o dos que veem no abolicionismo o termo de uma aspiração satisfeita. A realidade é que ele exprime apenas o fato inicial da nossa vida na liberdade, o ponto de partida de uma trajetória sideral, que se desdobra incomensuravelmente no campo da nossa visão histórica. Cegos os que supõem na abolição a derradeira página de um livro encerrado, uma fórmula negativa, a supressão de um mal vencido, o epitáfio de uma iniquidade secular. O que ela é, pelo contrário, é um cântico de alvorada, o lema já não misterioso de uma idade que começa, o medir das forças do gigante que se desbasta. Imaginai Prometeu desencadeado, livre do abutre, ensaiando pela escharpa da montanha os primeiros passos da sua vitória contra a tirania suprema” (Rui, **op. cit.**, p. 136).

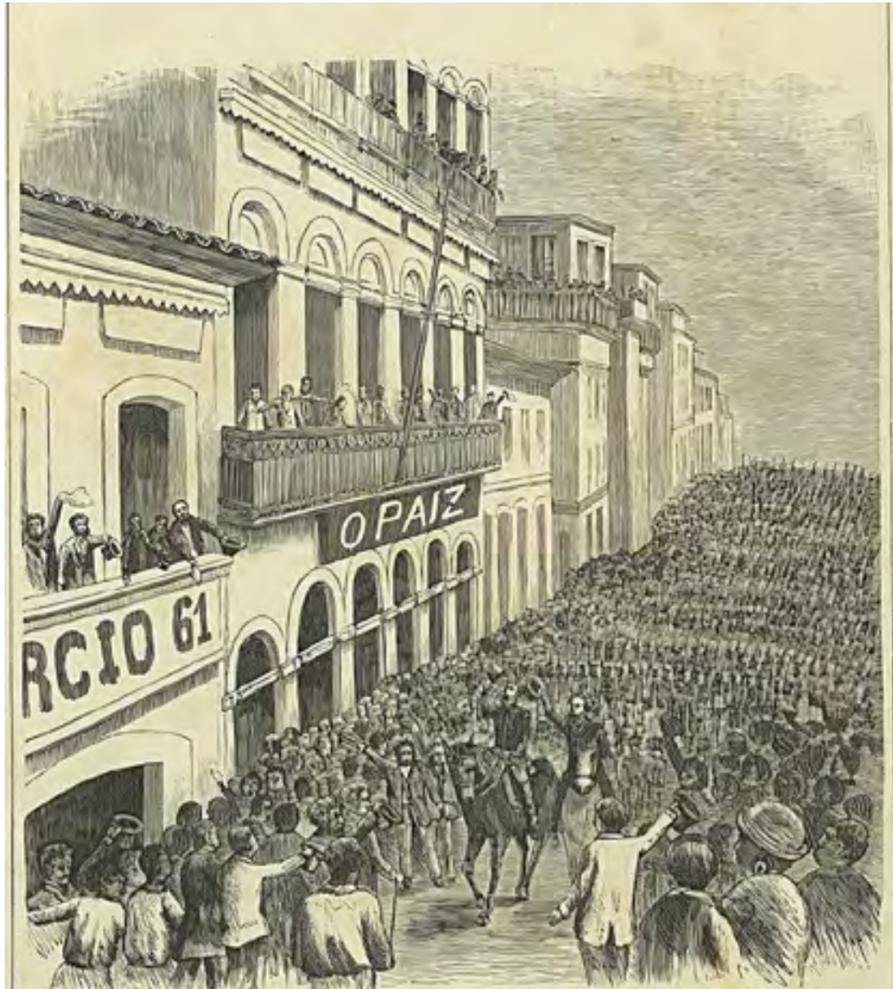
IV) nesse sentido – exatamente nesse sentido – era necessário superar o império:

“Nós éramos um povo acorrentado a um cadáver: o cativo. O meio século de nossa existência nacional demarca um período de infecção sistêmica do país pelas influências sociais e oficiais interessadas na perpetuidade desse regime de uma vida abraçada à podridão tumular. Agora, que o tempo acabou de dissolver essa aliança sinistra, vamos encetar a cura da septicemia cadavérica, do envenenamento do vivo pelo morto; trabalho que nos impõe os mais heroicos esforços de reação orgânica, e a que há de presidir o signo redentor do abolicionismo.

“Abolicionismo é reforma sobre reforma; abolicionismo é reconstituição fundamental da pátria; abolicionismo é organização radical do futuro; abolicionismo é renascimento nacional. Não se há de indicar por uma sepultura com uma inscrição tumular, mas por um berço com um horóscopo de luta” (Rui, **op. cit.**, pp.136-137).

V) era necessário, portanto, a eliminação das:

“... instituições que viveram pelo consórcio com a escravidão, que se nutriram dos seus vermes, e agora, extinto o cativo negro, hão de conspirar tenazmente pela eternidade do cativo branco” (Rui, **op. cit.**, p. 137, grifo nosso).



Ninguém ignorava qual a principal dessas instituições que “viveram pelo consórcio com a escravidão, que se nutriram dos seus vermes”: a monarquia.

VI) o principal obstáculo para isso – vale dizer, para o livre desenvolvimento nacional – é, para Rui, naquele momento, de ordem ideológica:

“A escravidão fez de nós uma nacionalidade sem consciência de si mesma, habituada a acreditar que o anil do céu, a umidade da atmosfera e a fecundidade do solo são outras tantas operações de um milagre perene da onipotência que nos governa; e, quando a enorme muralha mongólica do cativo desaba com estrondo, por efeito das causas profundas que lhe alufiram as bases, voltamos os olhos maquinalmente para o autor convencional de todas as coisas, procurando em algum aceno de Sua Majestade o segredo da catástrofe espantosa” (Rui, **op. cit.**, pp. 139-140).

Voltemos um pouco a Anfrísio Fialho, o autor de “**Processo da Monarquia Brasileira: necessidade da convocação de uma constituinte**”.

Era um homem condecorado na Guerra do Paraguai, onde ficou cinco anos – com exceção de um curto período de convalescência, depois de ferido no primeiro combate de Iuasí, no Chaco (2 de maio de 1868).

Uma trajetória militar, na guerra, parecida com a de Floriano Peixoto e Deodoro da Fonseca – e, a rigor, de outros milhares de oficiais, suboficiais e soldados brasileiros.

Entretanto, a avaliação de Fialho sobre a guerra não era entusiasmante:

“Se, agora, do interior levantamos os olhos para a vida externa da nação, o que vemos? Vemos igualmente a nossa fraqueza e falta de prestígio, sendo a nossa própria vitória sobre o Paraguai uma prova dessa fraqueza pelo tempo imenso e os recursos enormes que tivemos de despender para, em companhia de duas nações aliadas (uma das quais se julga capaz de medir as suas forças

com as nossas), vencer urna republica desconhecida e atrasadíssima” (cf. **Processo da Monarquia Brasileira**, p. 24).

Era um ponto de vista frequente entre os oficiais que participaram da Guerra do Paraguai. Inclusive entre os chefes. Especialmente Caxias, expressou sua amargura depois da volta à Pátria. Em carta ao Marquês do Herval – isto é, ao general Osório – apenas três meses após o fim da Guerra do Paraguai:

“Exmo. Am^o e Camarada. “Andaraí, 28 de Junho de 1870.

“Aqui estou sofrendo as intrigas provenientes dos serviços que cá na asneira de querer prestar ao nosso país. Mas, como tenho consciência de que cumpri o meu dever, estou satisfeito e disposto a reagir como puder aos intrigantes, que todos me tem aqui atormentado com as suas visitas, e pedidos de empregos, e até muitos de dinheiro, que é o que mais me incomoda porque não tenho bastante para repartir com os caloteiros. Estimarei que vá melhor de seus incômodos, e que já tenha bem cuidado das suas vacas, que é com que os seus filhos se hão de achar, no fim de contas, porque as tais grandezas com que costumam a remunerar os nossos serviços, sei, por experiência própria, que não servem senão para nos tirar dinheiro das algibeiras. Fez bem espaçar a sua vinda a esta Corte, onde lhe haviam receber com foguetes e vivas, que não enchem barriga, e no fim das festas, se V. Ex. não tivesse a casa de algum amigo para se recolher, o haviam deixar na rua, porque assim são as coisas deste mundo, pois diz o rifão, que festa acabada músicos a pé. Minha mulher muito se lhe recomenda e manda-lhe dizer, que se cair em cá vir, terá um bom prato de mondongo para lhe oferecer, por saber que é guisado do seu gosto. Muito estimei que o nosso bom Câmara fosse o herói do final da campanha, e mais que tudo, gostei de que lhe tivesse dado uma pensão que estou trabalhando para a fazer passar nas Câmaras, pois tudo o mais são palavras que para nada servem no nosso país. Aqui estou às suas ordens como am^o que muito o estima. – D. de

Caxias” (cit. in Joaquim Luís Osório e Fernando Luís Osório, **História do General Osório – Segundo Volume**, Pelotas, 1915, pp. 659-660).

Esta é uma carta do principal comandante brasileiro – reconhecido, pelo presidente João Goulart, patrono do Exército (v. **Decreto nº 51.429/62**) – ao general mais popular do país.

A data é importante: três meses após o fim da Guerra do Paraguai. E, também, a menção ao marechal Câmara, ao mesmo tempo que o conde d’Eu, genro do imperador e substituto de Caxias após a tomada de Assunção, é omitido.

Desde o início, aquela guerra parecera malfadada a Caxias – nos referimos, já, à sua oposição a intervenção no Uruguai, que está na origem da Guerra do Paraguai e o baixo conceito que, então, expressara sobre Pedro II (v. **Caxias e a guerra do Paraguai: retrato do homem no outono de sua vida**).

Em 12 de agosto de 1866, quando ainda não fora nomeado para o comando das tropas no Paraguai – embora já tivesse acompanhado, como simples assessor, o imperador até Uruguiana, tomada pelos paraguaios -, Caxias, em outra carta a Osório, do Rio de Janeiro, escreveu:

“Não há dúvida, para mim, de que nossas operações foram mal encaminhadas do princípio. Se assim como se fez base de operações da Confederação Argentina, se tivesse seguido para Uruguiana, logo depois do Convênio de 20 de Fevereiro [entre o governo brasileiro e as duas partes da guerra civil no Uruguai], não teríamos passado pela vergonha da invasão do Rio Grande pela fronteira do [rio] Uruguai; e se o Robles, tivesse invadido Corrientes, pelo Passo dos Livres deveríamos passar o Uruguai e procurado cortar-lhe a retirada no [rio] Paraná. Todo o nosso ouro teria se derramado na sua Província, e não teríamos também passado pela abjeção de sermos comandados por um General Argentino, que conquanto a sua cabeça lhe diga que nos deve ajudar, em seu proveito, seu coração o obriga a não ter pressa em nos dar a vitória, enquanto temos recursos para nos fazer respeitar em toda a América do Sul. Depois de cometido o primeiro



15 de novembro de 1889: Deodoro e o líder do Partido Republicano, Quintino Bocaiúva, à frente das tropas, percorrem a rua do Ouvidor (no desenho, publicado na revista portuguesa “O Occidente”, não aparece Benjamin Constant, que também esteve à frente do desfile)

erro, ainda se poderia ter ele remediado, se Mitre, quando saiu da Uruguiana, pudesse ou quisesse cortar a retirada dos Paraguaio no Passo da Pátria, como ele próprio me disse, na Uruguiana, que pretendia fazer. Então, se isso se desse, há muito que a guerra estaria concluída. Mas, deixar os homens voltar cheios de recursos para o seu covil, saos e salvos, foi querer procrastinar a guerra até quando só Deus sabe, pois o terreno não pode ser melhor para a guerra de postos, a qual pode ser feita até pelas mulheres e crianças quando se acabem todos os homens do Paraguai. Não posso entender a inação da nossa Esquadra... Enfim seja o que Deus quiser” (**op. cit.**, p. 272).

Somente dois meses depois (10 de outubro de 1866), Caxias seria nomeado comandante das forças do Império no Paraguai, após o desastre de Bartolomé Mitre em Curupaí (22 de setembro de 1866), onde, somente entre as tropas brasileiras, **houve quatro mil mortos** (cf. coronel Cláudio Moreira Bento, “*A Guerra do Paraguai: um laboratório de doutrina militar, para o Mercosul, pouco explorado*”, AHIMTB/IHTRGS, 2009).

Dez dias após a nomeação, em uma carta importante para o nosso tema mais geral (o caráter nacional) e para aquele mais específico desta seção (a repercussão da Guerra do Paraguai nesse caráter nacional), Caxias escreveu outra vez a Osório:

“Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1866.

“Ex^o Am^o.

“Quando menos eu esperava fui forçado a aceitar o comando de todas as nossas forças de terra e mar, que operarão contra o Paraguai. Sem poder entrar nos pormenores que ocorreram e que não deixam de ser curiosos, mas que não tenho tempo nem vem ao caso contar-lhe agora, o fato foi que o Ferraz (aliás Barão de Uruguiana hoje) deixou o Ministério, brigado com todos os companheiros, e eu fui chamado para tudo quanto eu quisesse fazer, ou ser; contanto que fosse quanto antes para o Exército, a fim de acalmar as intrigas que por lá há entre os chefes, das quais nos podem vir grandes desgostos.

“Não hesitei e vou partir com plenos poderes, depois d’amanhã, no Pacote Francês. Minha primeira medida foi acabar com os intermináveis conselhos de guerra que o Ferraz inventou, para arredar seus inimigos das posições em que se achavam.

O texto continua no site. A série continua na próxima edição